Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3181unse

o XXXI —Brasil—E. S. Paulo— Matão, 15 de Setembro de 1955—N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

22 de Setembro . . . . . *Redação*
Refutando Ramatís . . . . . *Henrique Rodrigues*
Religião e Ciência . . . . . *Alberto Lopes*
Divagando... . . . . *J. A. Mello*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Non Nova, Sed Nove... . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
D. Gracinda Batista . . . . . *Redação*
Os Duplos dos Vivos . . . . . *Trad. por Max Kohleisen*
Novos Rumos dados por Kardec . *Mac Maynard*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil. . . . . *Redação*
Necrologia . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito' pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espirito de Jesus as revelações apocalipticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espirito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalipticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1955 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

22 DE SETEMBRO

ENTRE as pessoas que se estimam mutuamente, o tempo e o espaço não representam cousa alguma. Nem mesmo a morte tem a fôrça de destruir o aféto que entre elas existe, pelo contrário, tem o poder de fortalecer ainda mais os laços da amizade, que é uma das facetas de alto relevo do amor fraterno de que Jesus nos deu os mais edificantes exemplos.

Assim, quando aparece uma oportunidade, as pessoas que entre si se estimam se aproveitam até das pequeninas ocorrências para darem testemunho da sua amizade, do seu aféto.

CAIRBAR SCHUTEL

E' o que sucede conôsco relativamente ao nosso caro companheiro Cairbar Schutel. Faz já quasi 18 anos que êle partiu para a verdadeira pátria — a espiritual, e entretanto temo-lo mais vivo e mais presente no nosso pensamento, porque sabemos que a morte não existe, que êle pode nos ajudar de dia e de noite ao endereçarmos-lhe o pensamento, o que fazemos quando oramos por algum necessitado encarnado ou desencarnado. E isto fazemos constantemente tanto no momento de fazer um «passe», como por alguém que desincarne, ou por outro motivo assistencial. Logo temos que ter sempre no pensamento a figura varonil, amiga e prestativa de Cairbar.

E esta amizade sincera, e êste grande aféto que lhe dedicamos devemos ao Espiritismo que tem a fôrça de unir pelos laços inquebrantáveis do amor fraterno as criaturas que se abrigam sob o seu pálio, sob a sua bandeira.

Esta oportunidade que se nos ofereceu para testemunhar-lhe mais uma vez o nosso grande aféto, é motivada pelo seu aniversário natalicio. Sim, se Cairbar estivesse ainda entre nós na sua forma física, completaria no próximo dia 22 o seu 87.° aniversário natalicio e certamente receberia, como sempre, dos seus amigos, confrades e companheiros de trabalho as felicitações pelo grato acontecimento. Mas como êle não está no plano material para sentir o aperto de um abraço amigo, fazemo-lo do mesmo modo com um abraço espiritual levado através do nosso pensamento, numa prece de felicitações e agradecimento. De felicitações, porque sabemos e até sentimos que êle foi posto à direita do Senhor pelo seu trabalho na seára cristã, difundindo o véro Cristianismo à luz

do Paracleto. o Espiritismo, e pelo Bem que fez aos seus semelhantes pobres, enfêrmos e descrentes. De agradecimento, porque dêle recebemos adjutório espiritual sem o qual nada poderiamos fazer a pról de sua obra, pois reconhecemos as nossas deficiências, muito embora estejamos munidos da melhor boa vontade, que possivelmente tem sido a razão do recebimento do seu auxilio.

Ao assinalar êste acontecimento, que nos é tão grato, solicitamos a Jesus que proporcione ao nosso querido companheiro Cairbar mais progresso espiritual e intelectual ainda, pois também nós nos prevaleceremos do seu progresso, da sua sabedoria, do seu amor através da sua presença, em espírito, nos nossos momentos de necessidade, de alegria e de tristeza.

Refutando Ramatís

Um dos aspectos pelos quais a mensagem «Conexão de Profecias» mais impressiona é o seu APARENTE positivimo, ou seja, números, nomes e fatos citados, quase todos de características grandiosas. Entretanto, todas as revelações feitas. são de difícil comprovação, LENDÁRIAS. quando não são absolutamente contrárias às comprovações da pesquisa. Já vimos os absurdos contidos nas afirmativas astronômicas e, destarte, ficam prejudicadas as decorrencias relativas ao planeta, a sucção, aos planejamentos feitos «ha milênios» pelo grupo de especialistas «siderais», classificados por Ramatís como: Matemáticos. Anatomistas, Geólogos, Botânicos, Zoologistas, Sociólogos, Legisladores, etc... Erraram, como erram seus colegas encarnados. o que nada significa, porquanto repetimos, *infalível*... só DEUS!

Examinemos ainda outro aspecto da ciência e vejamos se Ramatís tem o seu apôio: Fala-nos êle de um Antúlio de Maha Ettel e o situa numa civilização datada de 50.000 anos e o pinta como clarividente e profeta. A arqueologia — e os arqueólogos «siderais» devem saber disso — atesta que, ha 50.000 anos, a Terra vivia o Período Paleolitico, no fim da 4.ª Idade Glacial, entre as culturas Acheleana e Mousteriana, que o vulgo conhece como a do *homem da pedra lascada*, também chamado «Homem de Neandertal». Mostra-nos o primitivismo do nível evolutivo dos «terrenos», evolução essa que ganhou aceleração, pouco antes de 4.000 anos A. C., quando o homem aprendeu a fundir o ferro. Até então, a par dos instrumentos de bronze, surgidos 10.000 A. C., aprox., a ciência nos prova o rudimentarismo espiritual e técnico dos nossos antepassados, ou, quem sabe? de nós mesmos.

Que significação doutrinária pode ter a *revelação* gratuita da tradução «sideral» da palavra «Antúlio»? A dármos crédito ao autor, ficamos sabendo, apenas, que «túlio» ou «úlio», em *linguagem* «sideral», significa «luz», porquanto «ant», mesmo entre nós, represnta «ante». Se todo espírita fizesse como nós, talvez não fosse necessário escrever êstes artigos de alertamento. Procurando êsse personagem, recebemos, devido a uma consulta, o seguinte significado da palavra «Antúlio» — «Existe em grego, (Ática Prehistórica) o nome de homem ANTULLIOS, que parece uma corruptela de Anthullios, diminutivo de ANTHÓS, «flor». *Anthullios* ou *Antullios* significaria, portanto, «FLORZINHA».

Com referência aos *especialistas siderais*, dentro de férrea lógica dedutiva, acreditamos que as especializações representam fragmentações e que o Sêr, evoluindo, caminhará da dispersão, do particular, para a síntese e para a unidade do TODO. Se é verdade, como creem os espíritas, que o homem se encaminha para Deus, — sua imagem e semelhança — o caminho será o da conquista de sínteses sempre maiores, porque Deus é a síntese de tudo. Quem se especializa, a par de um conhecimento particularizado no ramo em que está, atrofia-se e perde a indispensável visão do todo, da unidade global, que tudo explica, que cinde os antagonismos, cancelando as fronteiras dos enquistamen-

tos especializados, sejam científicos, filosóficos ou religiosos.

Ramatís nos «revela» que a vinda do Cristo se deu, *graças às núpcias planetárias de Saturno, Júpiter e Marte*, que Êle é procedente da «esfera dos amadores», que naturalmente, deve situar-se além da órbita de Saturno e que foi necessário «purificar» o ambiente *pela conjunção astrológica*, afim de que o Messias pudesse «descer», ou vir do «alto».

A desvantagem das especializações é essa, a perda do aspecto relativo dos fenômenos. Quem fala em «puro», deixa entender a existência de «impuro». *Mas isso flui da visão de «limites»*. Assim como para um pai, todos os filhos são iguais, para Deus, todos os homens são igualmente queridos, não maus e bons, não puros ou impuros, apenas, como nos quadros humanos, uns mais velhos, outros mais novos, uns mais evoluidos, outros menos, uns mais ignorantes do que outros, embora todos ignorem muitíssima coisa. Vejamos o que Paulo, em visão intuitiva, nos diz em Romanos, 14:14 —

«Eu sei e estou persuadido no Senhor Jesus que nenhuma coisa é em si impura; a não ser para aquêle que a tenha como tal, para êsse ela é impura.»

Para o Cristo nós eramos impuros? Não! Para Êle nós eramos atrasados, rudimentares, muito ignorantes, apenas... Até porque, se fôssemos *puros*, onde o móvel de sua vinda?

Para nós, Cristo preside aos destinos da Terra, desde a sua formação. Não veio de fora, de uma esfera, *a dos amadores*, situada além de Saturno. Acreditamos que estava antes, e, que esteve «materializado» ha 2.000 anos, por necessidade maior, e que ainda continua conosco. Nem poderia ser de outra forma. Aquêles que com Êle se sintonizam, o sentem, pelas vias da mente ou do coração, tão perto de si, que atestarão sua «imanência» nos menores fatos da vida. Ai! do mundo, se Cristo fôsse embora!

Sempre fomos avessos aos processos divinatórios ou advinhatórios, quer pelos meios «astrológicos», cartomânticos, quirológicos, «ocultos», etc... Achamos, particularmente, que os «ocultistas», entendem tanto do que está *oculto*, quanto os que nada sabem dêsse tipo de modalidade de lucro material ou de imposição de prestígio pessoal, onde os «pseudamente» sabidos exploram os reconhecidamente tolos. Isto entretanto é assunto para um artigo que escreveríamos se houvesse necessidade ou se fossemos obrigados por alguém. Teriamos que examinar as teses astrológicas, situadas no campo do «determinismo pessoal, encadeado à lei de causa e efeito do livre arbitrio individual e, também coletivo». Teriamos que estudar a idade da astrologia, a idade da descoberta dos astros, porquanto, alguns planetas descobertos recentemente, (100 anos para cá) ficaram com os encargos «influenciatórios» que eram atribuições dos primitivamente conhecidos. A astrologia, tão antiga, devia, antes de Galileu, pelas «influências», estabelecer pelos campos magnéticos que a Terra e os planetas é que giravam em tôrno do Sol, e não o contrário. Entre a Astrologia e a Astronomia, ficamos com a última. Em todo caso, para não passar em branco, *já que Ramatís é astrológico e não astronômico*, recomendamos aos interessados, a leitura do artigo intitulado «Astrologia, lôgro gigantesco», publicado em Seleções de Junho de 1951, de autoria de Fred C. Kelly. Vale a pena ler.

Ainda com respeito a influenciações, transcrevemos a seguinte opinião dos Espíritos da Codificação. Livro dos Espíritos, pergunta n.º 867.

— Donde vem a expressão: Nascer sob uma boa estrela?

Resposta — «Antiga superstição, que prendia às estrêlas os destinos dos homens».

«Alegoria que algumas pessoas fazem a tolice de tomar ao pé da letra».

Muito proveitosa será também, a leitura das perguntas e respostas 868 — 869 — 870 — 871 e 872.

Finalizando êste artigo, coloco frente a frente duas definições: a de Ramatís que diz textualmente: «As modificações da morada, afetam os moradores», para justificar as conseqüências da verticalização do eixo da Terra, que êle, Ramatís, vislumbra como capaz de obrigar os homens a «tomar posição vertical em espírito». *Nítida evolução de fóra para dentro*, e não como realmente ela é, como seja de dentro para fóra, do centro para a periferia, do dinâmico para o mecânico, da essência para a

substância, do espírito para a matéria, do divino para o humano. Contra a tese de que «as modificações da morada afetam os moradores», diz a Grande Síntese, página 418, tradução de Mario Corbioli :

«E' inútil o progresso mecânico que faz da terra um jardim, se nêsse jardim habitar uma féra. A terra é um inferno porque sois vós os demônios. Transformai-vos em anjos, e ela será o paraíso».

O fracasso das leis sociais deve-se exclusivamente ao fato da inadaptabilidade dos homens a elas. Para o homem correto, honesto, ordeiro, qualquer lei é boa; para o safado, injusto, desordenado, qualquer lei o constrangerá, e êle fugirá ao seu cumprimento, estabelecendo assim os desajustes e até mesmo o caos. A melhoria da sociedade tem de partir da melhoria da unidade social que é o homem. Enquanto existir uma célula doente no organismo, êste não gozará de saúde. Enquanto o homem na Terra viver os níveis inferiores da psicologia imediatista de proveito próprio, o ambiente, o clima, o aspecto da Terra lhe guardarão estreita semelhança. Não que seja mau, porque o homem não é mau, nem a Terra é má. Serão ambos inferiores. Tanto que a habitação não pesa sôbre o habitante, que um palácio não transforma um selvagem em refinado aristocrata, e que um chiqueiro, por mais limpo e confortável que seja, não modificará a psicologia do porco, que se compraz em chafudar-se em suas próprias sujidades.

Há sábios e santos que nasceram e viveram em «habitações» de condições antagônicas às capacidades demonstradas, e ainda, grandes delinqüentes, que medraram à sombra de «habitações» favoráveis a outros fins. O «meio», do mesmo modo que o revelador dos tanques de trabalhos fotográficos, *não criam* imagens, mas apenas *revela* o que já existe, carregando, de acôrdo com a sua qualidade, mais ou menos, *nas tonalidades*, incorporadas ao filme que vai ser revelado. A vida, qualquer que seja, como elemento de luta, é quem *revela* o indivíduo. O ambiente, em geral, mostra o homem tal qual êle é. O HOMEM, SIM, MODIFICARÁ O AMBIENTE, o morador sim, modifica a moradia. Um santo constrói em tôrno de si um ambiente de paz; um colérico, desatinado, ignorante em suma, um ambiente diverso do primeiro. Ambos procuram a afinidade, porque essa é uma lei universal, que Ramatis não pode ignorar.

No próximo número — Considerações sôbre a mensagem «O Sol».

HENRIQUE RODRIGUES.

Rua Quimberlita, 490 — Belo Horizonte — Est. de Minas.

Religião e Ciência

DAS TREVAS PARA A LUZ

— VI —

Jesus, como Juiz autorizado pelo poder divino, viu que êsse paralítico era um espírito que já resgatara no inferno de seus sofrimentos, no cárcere da carne, as dividas contraídas perante a Justiça Divina. Já estando, pois, resgatados os seus pecados, pelo cumprimento integral da condenação que lhe foi imposta, proferiu a frase decisiva: «Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa», o que representou o alvará de sua liberdade.

Os episódios narrados nos vers. 39 e 43 do cap. 23, pelo evangelista Lucas e no vers. 17, cap. 20, pelo evangelista João, aparentemente apresentam contradições. No 1.º episódio Jesus atende o pedido que lhe faz o malfeitor crucificado a seu lado, de não o esquecer quando entrasse no seu reino. Jesus lhe responde que naquele mesmo dia estaria com êle no Paraíso. No 2.º episódio, ao ressuscitar após os 3 dias de sua crucificação, aparece a Maria Madalena, e quando a mesma tentou to-

cá-lo, êle lhe diz: «Não me toques que ainda não fui para o Pai».

Examinando-se, atentamente, êsses episódios em confronto com outros trechos do Evangelho Cristão, verifica-se que não houve contradição. O malfeitor arrependido justificou-se pela fé, como ensina o Apóstolo Paulo no cap. 5.º de sua epístola aos romanos. Essa reconciliação com o Poder Divino, se tornou possivel por ter êle, com o seu martírio ao lado de Jesus, resgatado de suas dividas até o último ceitil, no cárcere das provações terrenas, como se evidencía no ensino contido no vers. 26, artigo 5.º do sermão da montanha, narrado pelo evangelista Mateus. Fez jús, portanto, ao Paraíso ou Reino dos Céus, que é um estado de felicidade espiritual eterna, no qual se encontrava Jesus, em situação transcendente, o que conseguiu comprovar através das obras maravilhosas que realizou, no curso de sua perigrinação terrena.

Êle sempre afirmou em suas pregações, que o seu reino não era dêste mundo, e no modelo de oração do Pai Nosso, que nos legou, nos ensinou como devemos proceder para conquistá-lo. A fé que justificou o malfeitor, perdoado por Jesus, certamente encontrou fundamento em obras bôas de sua vida de aventuras, em ressarcimento das más pelas quais recebia naquele momento o merecido castigo.

Em Mateus, cap. 4, vers. 11 e 12, Jesus fala assim aos seus discípulos: «A vós é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas aos que estão fora todas estas coisas se dizem por parabolas. Para que vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que se não convertam e lhes sejam perdoados os seus pecados». Nêsses trechos evangélicos, verifica-se que os espíritos que estão de fora do reino, são os culpados que se encontram no cumprimento de penas, e que, enquanto não resgatarem suas culpas, nos cárceres de sofrimentos, não poderão ser perdoados, por não estarem em condições de conhecer e compreender as verdades reveladas por Jesus, através dos ensinos contidos em suas parabolas. Tais ensinos abrangem, igualmente, os espíritos que já transgrediram e continuam a transgredir as leis divinas. Quanto aos discípulos de Jesus que podiam compreender tais verdades, eram espíritos isentos de culpas, reencarnados como missionários, para o auxiliarem no desempenho da missão que o trouxera a êste mundo, o que se comprova na oração que por êles fez a Deus, como narra o evangelista João no cap. 17, vers. 14 e 18: «Dei-lhes a tua palavra e o mundo os aborreceu, porque êles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo». Eram, pois, espíritos reencarnados para essa missão, como foi o de Elias reencarnado em João Batista. Não nos ocorre a menor dúvida de que, pelos ensinos contidos nos trechos evangélicos citados, o nosso Divino Mestre esclarece, de modo peremptório, que a elevação moral e espiritual da Humanidade, se vem realizando, pelo curso dos tempos, através dos ciclos dolorosos das vidas sucessivas.

Quantos séculos ainda serão precisos para que essa elevação moral e espiritual, atinja ás culminâncias de uma civilização, perfeitamente cristã, como prevê o Evangelho, para que possa existir um só rebanho e um só Pastor?

No Espaço e no Tempo essa elevação se generalisa com providencial correlação de destinos, imposta a todos os sêres criados sob a hipótese de que um dia para Deus pode representar mil anos para nós, como assim esclarece o Apóstolo Pedro, na sua 2.ª epístola universal, cap. 3, vers. 8.

Continuando nossas elucidações sôbre a condenação condicional e não eterna dos espíritos culpados, vamos comentar o cap. 3.º e seus vers. do Evangelho de João, no qual Jesus instrui Nicodemos acerca do novo nascimento. Na interpretação dessas instruções tem havido muitas controvérsias por parte de nossos adversários pertencentes às religiões dogmáticas.

Querem os protestantes justificar que êsse renascimento se realiza pela ação do batismo, certamente amparados nas palavras do Mestre: «Na verdade, na verdade te digo, que aquêle que não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito».

Entretanto, a pergunta que lhe fez Nicodemos, conforme o vers. 3.º do citado cap., Jesus responde que era necessário nascer de novo para poder ver o reino de Deus. Não negou a existência da lei da reencarnação; ao contrário, mais

adiante, no vers. 7 confirma: «Não te maravilheis de ter dito: necessário vos é nascer de novo».

E' preciso que se considere que a palavra água, na lingua hebráica, falada naquele tempo, era empregada como para definir elemento gerador, o que Jesus confirma, assemelhando-a com a palavra carne e fazendo distinção entre o que é nascido da carne e o que é nascido do espírito. Nicodemos insiste em saber como isso pode ser e Jesus lhe responde: «Tu és mestre em Israel e não sabes isto?» Esta resposta confirma que a lei da reencarnação já era anunciada no Velho Testamento e os judeus a confundiam com a ressurreição.

Refere-se depois o Mestre ás coisas celestes e terrestres e também à sua missão. Descrevendo a natureza dessa missão, concita a todos que o ouviam a aceitarem-no como Enviado Celeste e a praticarem bôas obras, afim de se livrarem das condenações.

Conclui-se, pelo exposto, que a pergunta de Nicodemos visou esclarecer a reencarnação que êle, como doutor da lei e mestre em Israel, interpretava nos textos bíblicos, como ressurreição.

Jesus não nega a existência dessa lei e confirma-a, por duas vezes, quando esclarece que é necessário nascer de novo, não elucidando que êsse nascimento ou renascimento deva ser feito com as formalidades ritualistas do batismo. Empregamos as expressões nascimento e renascimento, porque a quem nasce uma vez, no plano em que vivemos e torna a nascer de novo, a última expressão fica mais de acôrdo com a lógica.

Além de muitas outras provas existentes no Velho Testamento sôbre os renascimentos sucessivos, Allan Kardec, codificador de nossa Doutrina, instituiu o lema racional e justo, que serve para projetar sua luz nos meios humanos: «Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre — tal é a lei».

Na parabola do Semeador o nosso Divino Mestre, conforme os vers. 4 a 7, cap. 13 do Evangelho de Mateus, classifica, em nosso plano de aperfeiçoamento, os espíritos culpados em 3 categorias. Diz o Mestre: «Eis que o semeador saíu a semear. E, quando semeava, uma parte da semente caíu ao pé do caminho, e vieram ás aves, e comeram-na; e outra parte caíu em pedregais, onde não havia bastante terra, e logo nasceu, porque não tinha terra funda; mas, vindo o Sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raíz. E outra caíu em espinhos, e os espinhos cresceram, e sufocaram-na».

Os espíritos bons o Mestre classifica, também, em três categorias ao esclarecer, na mesma parabola, no vers. 8, cap. 13 do citado Evangelho de Mateus: «que outra parte da semente caíu em terra bôa e deu fruto: — um grão produziu cem, outro sessenta e outro trinta».

Á pergunta de seus discípulos, porque falava em parabolas aos que o ouviam, respondeu, conforme já comentamos, separando os que estavam em condições de receberem revelações divinas e os que não podiam receber essas revelações, pelo estado de endurecimento espiritual em que viviam. E acrescentou, referindo-se aos primeiros: «Porque áquele que tem, se dará e terá em abundância; mas áquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vêdes e não viram; e ouvir o que ouvis e não ouviram». Êsses trechos evangélicos comprovam que as revelações sôbre os conhecimentos espirituais se fazem em determinadas épocas, conforme a capacidade de compreensão atingida pelas gerações no curso dos séculos.

Vamos, agora, elucidar minuciosamente a parabola do Semeador. Torna-se evidente que estando Jesus subordinado ao Diretor e Supremo Criador do Universo, os discípulos que formaram o seu primeiro colégio apostólico pertenciam a uma hierarquia espiritual sob a sua imediata direção e não tinham mais necessidade de reparar faltas no plano de provas em que nos encontramos. Assim, como espíritos missionários, estavam habilitados a conhecer os mistérios do reino dos céus, isto é, instruções claras e precisas sôbre a vida espiritual.

Daí se conclui que os discípulos de Jesus, no curso da éra cristã, classificados como bons por já possuirem luz, poderão continuar a recebê-la em abundância, conforme o mérito de suas obras sob o critério das médias que estabeleceu: 100, 60 e 30. A êsses discípulos se aplica o ensino do Mestre: — «aquele que tem receberá em abundância». A semente caíu ao pé do caminho e as aves comeram-na, aplica-se aos espíritos endurecidos na prática do mal e que recebem a palavra ou a luz

que a Providência Divina sôbre êles projeta, concitando os ao arrependimento, afim de poderem iniciar a reparação de suas grandes faltas por meio das reencarnações. Mas, como persistem em regeitá-la, os espíritos das trevas, que os dominam com facilidade afastam essa luz. («Aquele que não tem, ainda o que tem lhe será tirado)».

ALBERTO LOPES.

(Êste capítulo conclúe no p. número).

Divagando...

(Dedicado à minha esposa).

PLENA mata-virgem. A tempestade ruge fragorosamente. O sibilar do vento por entre a galharia e os grandes troncos de árvores, acompanhado dos trovões que correm pelo infinito, dá a impressão do rugir de leões. Eu sinto medo, pois o sólo parece tremer sob meus pés. De quando em vez, árvores cáem sob a ação de faíscas elétricas Tudo é horroroso! Solitário, nêsse pandemônio, sinto-me atemorisado. Quero gritar e correr, porém não posso. Sinto os pés grudados no sólo encharcado pela chuva que cái torrencialmente. Ouço um gargalhar sinistro, diabólico, que ecôa pela imensa floresta, qual o gargalhar de um satã satisfeito por um mal praticado. Em dado momento sinto uma forte pancada na cabeça. Desmaio...

. . . . . .

Foi um terrivel pesadêlo. Acordei assustado, dando graças a Deus por tudo não ter passado de um sonho...

*
* *

Não só dormindo, acordados também temos nossos pesadêlos. Quantas e quantas angústias nos custam o viver nêsse vale de lágrimas. Não sómente as dôres físicas, as dôres morais nos fazem sofrer muito. Óra, a vigília ao redor do leito de um ente querido como pai, esposo ou irmão. Óra o sofrimento causado pelo remorso que nos mortifica por termos praticado um mal qualquer. Outras vezes, as dôres físicas causadas pelas inúmeras moléstias a que está sujeito o conglomerado de células ao qual chamamos de nosso organismo.

Agora, jornais nos dão a notícia da morte de vários irmãosinhos nossos, mortos nas soleiras das portas, nos bancos dos jardins públicos ou nos casebres da Capital, por não suportarem o frio intenso dêste inverno. E outros, muitos outros sofrimentos morais ou físicos aos quais estamos expostos, são ou não grandes pesadêlos?

Orar e vigiar sempre. Eis o remédio para diminuirmos grande parte dos nossos pesadêlos!...

J. A. MELLO.

Rio Claro, Agosto, 955.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

VII CAPÍTULO
O Primeiro infortúnio

1 — Eu devia ter um ano, mais ou menos.

Acabara de comer escafado de ovo (pirãozinho de farinha fina com ovo quente, derramado em cima) e minha tia, a Odilia, meteu-me num banho frio.

Saí da bacia estuporado.

Estupor era o nome que se dava, então à congestão.

Andei *morre, não morre,* durante dois anos.

Um médico, primo de minha mãe, — dr. João Leite — chegou a desenganar-me

Seria coisa para mais uns dias, apenas...

E meu pai, porque moravamos, então, fora da vila, tratou de preparar o esquife com antecipação para meu enterramento,

2 — Um curandeiro, de nome Ernesto, vendo-me desenganado da medicina, disse, então, a meu pai:

— Se o menino vai morrer, não custa nada ao senhor dar-lhe um remediozinho meu. Quer experimentar? Se êle morrer, não há de ser por meu remédio...

O remédio do sr. Ernesto, feito de purga do campo e jalapa, levantou-me.

3 — Arribei, felizmente.

Parece que tinha muito o que fazer, o que sofrer na vida.

4 — Dias depois, passa o médico por nossa casa:

— E o menino? pergunta, sem curiosidade, ao papai.

— Está aí, quasi curado.

— Curado, o Leopoldo?! Impossível! Quero vê-lo.

E viu-me. Examinou-me bem, e diagnosticou:

— Para o pai e a mãe dêle, seria preferivel que êle tivesse morrido.

Será o idiota da familia. De uma estupidez sem nome. Não passará do a. b. c.

Evitem, quanto poderem, aborrecê-lo para evitar crises terríveis.

Congestão cerebral como a dêle, quando não mata, inutiliza para a vida inteira.

5 — Do mal, ainda conservo algumas cicatrizes na cabeça, reveladoras de tumores profundissimos. Alguns, que podiam caber um limão.

E tumores só na cabeça, como que indicando que fôra com a cabeça, que mais pequei em outras vidas...

* * *

6 — Eu convalecia, uma tarde, magrinho e muito sem sangue, no colo da Dadá, à sombra de enorme tamarindeiro. Passou um realejeiro com seu realejo. Armou-o num tropés e tocou uma música. A velha Dadá contava isto, rematando simploriamente.

7 — *Quando você ouviu aquela musga muito viva e bonita, que o homem disse em francesa, chamada Marseleza, você acordou, assustado, tremendo e chorando com desespero, que até o home teve pena de você...*

* * *

8 — Felizmente, não desencarnei naquela época.

E, só o fato de aqui estar contando estas coisas, prova que passei do a. b. c.

E tenho me aborrecido tanto, sem que nunca me tivesse sobrevindo uma crise, leve ou aguda!

9 — Serviu, entretanto, para uma coisa, o diagnóstico do médico: levei uma meninice livre, fazendo quase o que bem queria, certo de impunidade, por parte de meus pais, pois, para evitar sérias crises minhas, não me aborreciam com ralhos e pancadas...

10 — E minha loucura?

A de querer seguir o Cristo, através das normas cristãs preceituadas pelo Espiritismo...

Se ser espírita é ser louco...

As obras constituem o testemunho da fé. Sem êsse testemunho a fé é fogo fátuo.

Non Nova, Sed Nove...

O fecundo escritor contemporâneo, professor Pietro Ubaldi, tão revestido pessoalmente de encantadora simplicidade e cujos atos de desprendimento e de lídima humildade evangélica, o consagram como discípulo de Jesus, acaba de dar à luz da publicidade o 10.º volume da 3.ª trilogia dessa obra notabilíssima de inspiração e de saber, que teve início em a «Grande Síntese» e ainda se continuará por mais dois volumes, aos quais deverão seguir-se comentários esclarecedores do seu pensamento criador.

Êste décimo volume, intitulado «DEUS E UNIVERSO», traz a seguinte emenda esclarecedora: «Síntese teológica. Conceituação dos problemas máximos (1.ºs e últimos)».

Tenho profundo respeito por essa figura veneranda de Pietro Ubaldi que me distingue com a solicitude de suas atenciosas respostas às cartas que lhe dirijo e honra me com as suas bondosas referências aos livros da minha produção, que lhe ofereço — tão diferentemente de tantos e tantos outros confrades e figurões das letras profanas, que nem sequer se dignam acusar o recebimento dos livros... Oh! raça orgulhosa e detestável!! «Pai, perdoa lhes! Êles não sabem o que fazem!»

Com essas referências a Pietro Ubaldi, demonstro a minha admiração pelo homem, irmão muitíssimo mais evoluído do que eu, pobre iniciante na jornada eterna do aperfeiçoamento, mente ainda obscurecida pelas minhas trevas da ignorância, pois de alguma forma sei conhecer me a mim mesmo, obediente ao conselho de Sócrates: *«Nosce te ipsum»*.

Não obstante, assimilei algumas das lições do Evangelho, essa permanente segunda revelação, pessoalmente trazida por Jesus à humanidade, depois de haver assimilado noções básicas da 1ª revelação, de que foram encarregados Moisés, Zoroastro, Buda, Confúcio, em diferentes épocas e entre diferentes povos da terra, bem como outras figuras de prol da mesma primeira revelação, multiplice nos seus prolatores, embora uniforme na sua fonte inspiradora, que deve ser procurada sempre no pensamento orientador do Cristo, adaptado às condições de cada época e de cada povo. Por último pude assimilar os princípios cardiais da terceira revelação, consubstanciada nas obras fundamentais do Espiritismo, codificadas por Allan Kardec, sob a inspiração dos emissários de Jesus, não revestidos de carnalidade constritora, mas livres e portanto na plenitude dos seus predicados intelectuais e das suas virtudes.

Esta última revelação, como se sabe, é o Consolador prometido por Jesus e que deveria, em seu tempo próprio, vir explicar, como veio, certas verdades contidas nos Evangelhos, sob o véu da letra, por ser, ao tempo de Jesus, inútil revelá-las àquelas inteligências ainda impróprias à assimilação de tais verdades.

Pois bem. O que desejo salientar, nestas linhas, intencionalmente escritas para pôr de sobreaviso os confrades que não se achem habilitados, com um certo discernimento filosófico, à conceituação do trabalho confiado a escritores da classe dos Pietro Ubaldi, dos Emanuel, dos André Luiz e tantos outros contemporâneos, encarnados ou desencarnados, é o caráter supletivo das obras dêsses autores, destinadas a possibilitar a aceitação dos princípios tão simples da terceira revelação, às inteligências afeitas a processos muito mais complexos de investigação, pelo *cientificismo* a que se habituaram, ou pelo *materialismo* de que deixaram se lhes incrustrassem as mentes, em outras palavras, àqueles a quem não bastam as obras fundamentais.

O fato não é novo, mas acomodado aos novos tempos: *«non nova, sed nove»*.

Proliferaram, como se sabe, nos primeiros tempos do Cristianismo, doutrinas de todos os matizes, cada qual procurando acertar melhor a respeito da interpretação do pensamento de Jesus, a respeito da natureza do seu corpo, das circunstâncias de que se revestiu o seu aparecimento entre os homens, etc., etc. De tal modo tais doutrinas se alastraram, que a Igreja, pelos seus concílios, viu-se obrigada a pôr lhes côbro — e surgiu então o rigorismo da dogmática, o tradicionalis-

mo clericalista, o infabilismo, que tanto trabalho deram à livre manifestação do pensamento, em pugnas que duraram séculos e que fizeram a humanidade verter mais sangue do que todas as guerras de conquista.

Do mesmo modo, proliferam hoje doutrinas avançadas que pretendem melhor esclarecer os princípios do Espiritismo, expostos com inteireza e simplicidade nas obras fundamentais. Bem intencionados irmãos, encarnados ou desencarnados, procuram levar a homens de ciência, em têrmos de ciência, as verdades da Doutrina Espírita; a homens de mentalidade profundamente materializada, em têrmos de materialismo, o conhecimento de situações *post-mortem*, em que deverão encontrar-se ditos homens, para os mesmos localizando no *umbral* hospitais, escolas, laboratórios e até ministérios, com organização idêntica a da terra, para a obtenção de cujos serviços sejam até necessários «bonus» idênticos ás notas com que aquí se compram os melões...

A tal ponto se encontravam tais mentes esclerosadas, na expressão de Paul Gibier!

O Espiritismo não irá convocar concílios para firmar doutrina, como tem convocado congressos para unificação de almas. Importa, portanto, aos adeptos, tudo lerem e meditarem, como aconselhava o apóstolo dos gentios, aceitando o que fôr bom e regeitando o que fôr mau.

Se a obra de Pietro Ubaldi pode ser inculcada, a certos aspectos, de perturbadora da Doutrina dos Espíritos, o que é certo é que os exemplos da sua vida de sofrimento e de luta, são edificantes e salutarissimos. O que um tal homem afirma pode nos merecer contradita; mas temos o dever de respeitá-lo como o de um verdadeiro discípulo de Jesus. Essa é a sua melhor parte e ninguém lha poderá tirar.

Arnaldo S. Thiago.

Rio, Junho de 1955.

LIVROS e AUTORES

LEOPOLDO MACHADO

...DE UM POETA SERTANEJO

Êste livro devia chamar-se *Reminiscências*.

Por sugestão nossa, sai com o título... *de um Poeta Sertanejo*...

Sertanejo, menos por se tratar de seu linguajar, que não é cabocla a linguagem do autor, do que pelo sentido exatissimo da vida de quem vive no sertão. Êle é sertanejo do Paraná, onde vive no interior de cafesais, trabalhando, versejando, fazendo espiritismo, ensinando crianças, promovendo festinhas espirituais.

E o que mais interessante é: um poeta sertanejo, sessentão, nascido em outras terras, que veio para o Brasil como emigrante, quasi analfabeto, trabalhar na lavoura...

* * *

André Fernandes é hespanhol.

Veio para o Brasil, em 1910, com seus pais, contando, então, 17 anos. E com 15 mêses, apenas, de estudo noturno, em que aprendera, preferentemente, a língua de sua pátria! Dentro de três anos, entretanto, ensinava a língua portuguêsa, nas fazendas paulistas, a outros menos alfabetizados. E como aprendera para ensinar? Sem ter lido compêndio algum, nenhum livro. Não teve quem lhos emprestasse, não os podia comprar por falta de recursos. Ninguém lhe ensinou coisa alguma. Foram recortes de jornais, que os encontrava, aquí e alí, os seus mestres. Dí-lo aliás, assim, êle mesmo: «Daí há três anos, já lecionava, à noite, alfabetizando brasileiros, sem eu ter recebido uma única lição em idioma português, e sem ter lido nenhum livro. Não tinha dinheiro para os comprar».

* * *

Desde pequenino, enlevava-o a poesia. A poesia parece que lhe falava por dentro. Mas, não saía. Instrumento desafinado, despreparado, precisava afinar-se e preparar-se primeiro. Que vontade de dizer, também, como êle sentia, aquilo que diziam os outros!...

* * *

Abraçou o Espiritismo em 1936.

E foi, feito espírita, que sentia mais vontade de expressar o que lhe ia na inspiração, principalmente a serviço da difusão do Evangelho e da Doutrina ! E elaborou as primeiras estrofes, que lhe saíram fluentes, inspiradas, sonóras. Mas, sem tessitura métrica, fora dos figurinos da arte poetica. Dizemos assim, porque êle não é modernista, seus versos têm sentido, têm métrica, têm lógica e senso...

Se lhe aparecesse uma ajuda ?

* * *

Assinante de O *Clarim* e de *Aráuto da Fé*, lia, a miude, coisas nossas nêsses dois periódicos.

Conta assim nosso conhecimento :

«Sabendo que você era poeta, desejei submeter a sua crítica alguns dos meus rabiscos. Escrevi-lhe a medo. Recebi logo uma carta da sua saudosa companheira, dizendo-me que você estava ausente, fazendo uma estação de águas e de repouso. (Depois, vim saber que você descansa, carregando pedras). Que logo que você voltasse, me responderia, e, de fato, você me respondeu, tendo eu recebido um alegrão ao ler sua carta cheia de frases bonitas, encorajando-me...»

Nunca negamos, felizmente, nada, à mão amiga que se nos estende, pedindo ou apertando a nossa. Foi assim que, recebendo seus primeiros versos e os devolvendo ajeitadinhos à arte, êle vibrando de alegria, escrevia-nos :

«Achei o homem. Era um Cirineu assim que me estava faltando...»

* * *

Andamos colaborando, — apenas colaborando ! — aquí e ali, com o ilustre poeta. E êle tão grato nos ficou que, quando, em 1944, fomos ao Paraná, êle se botou de sua Nova Dantzig, hoje Cambé, até Curitiba, para o nosso conhecimento pessoal, para nos ouvir.

E colaborando apenas com êle, agimos dentro de seu pedido de que «não há necessidade de muito capricho na corrigenda das faltas».

Não houve nada disso.

Seria até alienar dos versos, o seu aspecto real, verdadeiro, necessário à musa de *um poeta sertanejo*...

* * *

André Fernandes faz versos nem sabe êle se por si mesmo, se por influência do Alto. Começa, ás vezes escrevendo dentro de um assunto e conclui diferentemente. Não tem hora para escrever. E a inspiração sempre lhe vem fácil e correntía. Parece-lhe, assim, que escreve por si mesmo e, também inspirado por alguém que não se vê, nem se sente, mas se adivinha... Aliás, todos os que escrevem, são médiuns, trabalham sempre inspirados por fôrças ocultas, que desconhecem...

Seus versos mais fluentes, mais contagiantes são os que os velhos mestres da poesia clássica denominavam *redondilha maior*. Sempre que sái fóra dêste metro, sempre que procura outros moldes, sente-se que tropeça, que se confunde, que se atrapalha.

Mas, em quadras heptassilábicas, poucos versejadores, poucos poetas temos lido que se lhe comparem.

Há mesmo produções suas para ler e reler. Para não deixar de citar algumas : *Quem não vê que Deus existe. Nicodemos. Abaixo as Armas. O que é o Espiritismo. Onde está Deus. O que declamou Lili. Avante, Juventinos ! Apostos, Juventinos ! A Cigarra e a Formiga.*

E, emprestando real oportunidade a seu livro, todo êle elaborado a serviço da difusão do Evangelho interpretado em espírito e verdade, e da Doutrina Espírita, elaborou estudos apropriados para as aulas de moral, para os jovens espíritas, para as crianças.

* * *

O livro de André Fernandes fez-nos lembrar os primeiros livros de versos que publicamos : feios, tristes, versos mal costurados. E' que não tivemos uma pessôa amiga e bôa que nos auxiliasse na tessitura de nossas estrofes, «em meio dos quais se perderam tantos versos bonitos», na expressão lógica do poeta baiano, Roberto Correia. Nem o acadêmico Assis Souza, que nos prefaciou o último livro daquela fase, — *Meus Últimos Versos* — quís se dar ao tabalho de os ler antes e os corrigir...

* * *

O velho M. Quintão disse-nos, uma feita, no Largo de S. Francisco, de saída da F. E. B., que o Espiritismo já comportaria um poeta para cantar suas belezas, como êle, que fazia também versos, não sabia ainda cantar.

Já o dissemos até, sem citar o nome ilustre do confrade desencarnado, falando dos versos excepcionais de Sebastião Lasneau e Clóvis Ramos, em que andamos descobrindo as virtudes e as caracteristicas do verdadeiro poeta espiritista.

E aquí o repetimos, com maiores razões e mais forte convicção, ao André Fernandes, que se nos afigura, como os dois citados, forrado das normas características de um legítimo poeta espírita.

D. Gracinda Batista

Transcorre no dia 28 dêste mês o 9° aniversário do desincarne de D. Gracinda Batista, uma das criaturas que maior soma de benefícios prestaram aos seus semelhantes sofredores e necessitados. Juntamente com o seu companheiro de vida terrena, Onofre Batista, fundou o Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, que de humilde choupana que era, é hoje uma das maiores e mais bem orientadas instituições assistenciais espíritas do país

D. GRACINDA BATISTA

D. Gracinda Batista, espírito caritativo que não perdia as oportunidades que se lhes ofereciam para a prática dos preceitos cristãos, tinha em seu lar, além de sua próle, já bastante numerosa, inúmeros órfãos desamparados, aos quais dispensava os mesmos cuidados dispensados aos seus filhos. Onde houvesse uma lágrima para enxugar ou um coração aflito para consolar, lá estava D. Gracinda Batista prestando com solicitude e carinho, os seus labores cristãos.

Ao ensejo do transcurso do seu 9.° aniversário de desincarne, almejamos a D. Gracinda Batista um lugar de destaque no reino de Deus, lugar que bem merece pelo seu coração caritativo, pondo, acima de tudo, aquele preceito de Jesus que nos manda fazer aos outros aquilo que desejamos para nós.

Os Duplos dos Vivos

Traduzido por: MAX KOHLEISEN (Piracicaba)

Publicação da Revista «SURVIE», órgão da L'Union Spirite Française.

(Artigo extraído do Boletim trimestral da «Fédération Spirite Internacionale» de Julho de 1954; foi escrito por M. Horace Leaf, espírita distinto e editor do Boletim acima citado).

HÁ alguns anos, o «Strand Magazine» publicou uma fotografia tomada por um sábio alemão, da aparição de um homem de pé, atrás de um grupo de Yoguis mergulhados em silenciosa meditação. Era a fotografia de um homem vivo, Yogui também, mas residente a alguns quilómetros dali.

Os espíritas ou psiquistas iniciados não teriam sido surpreendidos por essa imagem, pois uma de suas crenças mais comuns é a de que o homem, a mulher ou, mesmo, uma criança, possuem um corpo etéreo, contrafação de seu corpo físico. Não há nada novo nesta crença. Reportando-nos, pois, às práticas religiosas das raças primitivas modernas, deduz-se que esta idéia é, ao certo, tão antiga quanto a humanidade.

Existem numerosas testemunhas dêste fenômeno da separação do duplo, na religião cristã, e a Igreja aceitou esta crença sob o nome de «bilocação». Conta-se que numerosos santos experimentaram e praticaram esta faculdade, dentre os quais se podem citar S. Severo de Ravena, Santo Ambrósio e Santo Antonio de Pádua. Conta-se que êste último deixou, realmente, o púlpito de S. Pedro de Queyroix onde estava em vias de pregar, e seu corpo etéreo apareceu e falou perante uma assembléia de monges em um convento do outro extremo da cidade.

Conta-se, também que, lembrando-se de que devia assistir a um serviço divino nêste mosteiro, justamente no momento em que se encontrava no púlpito da igreja, ajoelhou-se deliberadamente perante os fiéis, puchou o capuz sôbre a fronte, e assim ficou durante alguns minutos, no decurso dos quais os fiéis esperaram com todo o respeito. Comparecendo perante os monges e, tendo assim cumprido sua promessa, tomou, novamente, seu corpo físico, e reencetou sua pregação na igreja.

Não é necessário multiplicar as citações, desde que nós possuimos numerosos exemplos contemporâneos, autenticados por testemunhos certos. Talvez não seja fora de propósito citar uma anedocta pessoal sôbre êste assunto raramente aventado. Pessoalmente, estou consciente de ter deixado meu corpo físico e, assim fazendo, êle se pôs a falar-me. Aquêle esfôrço fez que me tornasse a tomar meu corpo; mas eu o ouvi claramente pronunciar as palavras por êle formuladas. Em minhas viagens pelo mundo, tenho ficado admirado do grande número de pessoas, algumas das quais sem nenhum conhecimento do espiritismo e nem das pesquisas psíquicas, que me teem declarado haverem feito tal experiência.

A prova experimental completa desta forma de psiquismo é rara, mas há, mais ou menos 70 anos, certo número de homens altamente qualificados chegaram a ponto de dar um testemunho positivo dêste fenômeno supranormal.

O primeiro que o testemunhou foi o coronel Eugênio de Rochas. Seu método consistiu em magnetizar a pessoa, obtendo, por meio da sugestão e de ordens, a separação do duplo. Revelam algumas das suas fotografias uma separação completa. A forma etérea era, na maior parte do tempo, vaporosa, mas completamente idêntica à forma humana. Descobriu De Rochas, além de tudo, certo número de traços interessantes concernentes a esta forma vaporosa, demonstrando que ela corresponde ao contrôle mental do indivíduo a que pertence. Ela pode, por exemplo, diluir-se ao atravessar corpos sólidos e, o que é, igualmente, característico, torna-se a séde das sensações, facto muito significativo, dado que toda sensação parte do domínio mental.

O Dr. Durville, que vem, em seguida, como experimentador, utilizou-se, também, de diversos indivíduos; êle conseguiu, com sucesso, obter a separação do

duplo por meio de passes magnéticos. «O duplo», disse êle, «tem o aspecto do médium, torna-se mais ou menos luminoso e acha-se ligado ao corpo do médium por um tênue fio que parte do umbigo».

Nestas experiências, igualmente, os órgãos das sensações situam-se no duplo separado do corpo físico. Assim, uma das características mais notáveis do fantasma é que, por vezes, êle se torna meio sólido e úmido, o que se verifica ao ser tocado.

As ulteriores experimentações demonstraram que o corpo etéreo tem peso e que êle se pode dilatar e contrair à vontade. Seu pêso seria, aproximadamente, de duas onças e meia (mais ou menos, 60 gramas).

A fotografia psíquica tem oferecido um grande número de provas da separação do duplo psíquico. Assim, a primeira fotografia obtida por Mumber, o primeiro fotógrafo dêste gênero, era a de uma pessoa viva. Ulteriormente, no momento em que Mumber fotografava um de seus clientes, êste cai em transe e a placa respectiva revela uma representação perfeita dêle próprio, de pé, atrás de seu corpo! E' desnecessário acrescentar que êstes fatos deram origem à teoria de que todos os espíritos vistos pelos «videntes» não seriam nada mais do que os duplos psíquicos de pessoas vivas! Esta teoria, como é fácil deduzir, de forma alguma seria contrária à hipótese da sobrevivência da alma, pois, se se pode afirmar que o espírito humano pode existir fora de seu organismo físico durante a vida, não haveria razão para que o não pudesse após a mórte. Só um prejulgamento estúpido poderia diminuir a fôrça desta argumentação.

Outros psiquistas realizaram experiências análogas, dentre êles, Frederico Hudson, o primeiro fotógrafo espírita inglês. Certa vez, êle obteve a fotografia do duplo de Frank Herne, então, famoso médium de efeitos físicos, em estado de transe.

Eis uma prova evidente de que o desenvolvimento da mediunidade se acha intimamente ligado ao desdobramento etéreo, na maior parte do tempo, parcial, mas, em certos casos, total. Em razão da subtileza do duplo etéreo, é, êle, raramente visível, e não se devem tirar conclusões sinão depois dos testemunhos daqueles que por experiência podem falar da separação do duplo. A maior parte dos testemunhos se refere a separações parciais, mesmo porque, a separação completa divide de forma tão radical os dois corpos que, em geral, o cérebro se torna incapaz de registrar as reações mentais que se produzem quando o espírito funciona na contraparte psíquica. De outra forma, é possível, para um indivíduo experimentado, registrar por seu cérebro, no momento de uma separação completa. Em tais casos, somos autorizados a concluir que existe uma conexão muito ativa entre os dois corpos. Se isto se processa em determinados casos e não em outros, há, aí, algum mistério.

O exemplo seguinte demonstra quão real pode ser um desdobramento para o organizador, mas não para o «sujet»: «Uma de minhas amigas, sofrendo de insônia crônica, havia perdido uma joia de valor. Ela veio procurar-me, tendo em mira poder reencontrar o objeto, e eu pude informá-la de que a joia se achava em sua própria casa, além de lhe indicar o local a que deveria dirigir as suas buscas. Dando-lhe estas informações, eu me aventurei a lhe afirmar que, depois de se ter deitado essa noite, ela pegaria no sono dentro de um quarto de hora e acordaria na manhã seguinte, completamente refeita.

No dia seguinte ela me veio ver, tomada de viva emoção e me comunicou que havia recuperado a joia como eu lhe havia dito, após o que, tinha ido deitar-se. De repente, ela me viu passando no quarto. Logo exclamou: «Ó! Snr. Leaf, encontrei o anel!» E eu lhe respondi: «Agora durma!»

Alguns minutos depois, ela caíu em profundo sono, que durou oito horas. Mas eu não possuía a menor idéia dêste acontecimento! Também não posso duvidar dêle. Foi o primeiro, e, que eu saiba, o único exemplo de haver, eu, realizado tal experiência.

Êste facto se parece muito, em princípio, com aquêle lembrado pelo Reverendo Stainton Moses e publicado em «Phantasms of the Living» (fantasmas dos vivos). Êle resolveu aparecer, durante o sono, a um amigo que residia a alguns quilómetros de sua casa, sem que o informasse previamente de sua intenção. Em seguida, deitou-se, e acordou no outro dia, sem possuir a menor idéia de que alguma coisa tivesse acontecido. Entretan-

to, seu amigo o viu sentado em uma cadeira que êle próprio acabava de deixar. Para se certificar de que não estava dormindo, êle abriu um jornal e colocou-o diante de sua face; ao baixá-lo, viu a aparição, sempre na cadeira. Nenhuma palavra foi pronunciada pela visão, que logo desapareceu.

Multon tem, provavelmente, toda razão quando diz que a projeção inconsciente do duplo se produz, quasi sempre, no estado de sonho. Há, entretanto, numerosas provas de que ela se faz, também, no momento em que os indivíduos estão em vigília, algures, em estado consciente. A melhor forma de explicar o aspecto de sonho da questão é analisar os sonhos imediatamente após o despertar. Concluir-se-á, então, que há uma grande porcentagem de formas simbólicas nas experiências de desprendimento do corpo físico. Por uma razão inexplicável o cérebro etéreo não registra a experiência da mesma maneira como o cérebro físico. Êste último recorre ao simbolismo, no esfôrço de simplificar o fenômeno.

A questão do desdobramento é bastante complicada para nossa condição. Por experiência pessoal sei que êle se pode produzir de diferentes maneiras, e que mais de um corpo superfísico se poderá formar. O verdadeiro corpo etéreo pertence, de certa forma, ao nosso mundo físico, mas não é, certamente, constituido da mesma matéria, ou de matéria semelhante de nosso organismo físico comum. Nêste ponto de vista, os teósofos têm mais ou menos razão quando afirmam com insistência que, enquanto o corpo físico comporta quatro gráos de matéria densa, o corpo etéreo consiste em três, porém, mais sutis.

Pode-se adotar esta teoria de graduação apenas como ilustração; entretanto, ela representa mais de que uma simples conjectura. Segundo os teósofos, o corpo etéreo desaparece, desde que morre o corpo físico. E' esta a indicação que deve existir na íntima relação entre os dois corpos, e pode-se, por isso, esperar encontrar, ainda, outras relações fisiológicas com referência ao assunto.

O que se chama o «cordão umbilical» é caso provado. Dêle encontram-se testemunhas na Bíblia. Pretende-se que os dois corpos sejam ligados por um cordão vital, da existência do qual depende a continuidade de sua aliança. Se êle vem a partir-se, a volta do corpo etéreo ao corpo físico não é mais possível, e o resultado é a morte dêste último. Não possuimos provas evidentes dêste cordão e, em suma, não se conhece muita coisa a seu respeito. Entretanto, deve existir uma relação vital entre os dois corpos e ela existe, provavelmente graças àquela espécie de cordão umbilical.

Eu experimentei, por muitas vezes, o desdobramento, de diferentes maneiras, mas não tenho o menor conhecimento da existência de tal cordão. Pode ser que a causa disto resida no facto de minha atenção estar sempre dirigida para outros elementos. Sou fervoroso partidário da introspecção e, invariavelmente, nestas experiências, minha atenção se prende às reações mentais e emocionais. Elas foram tão atraentes, que eu poderia, perfeitamente, omitir certos fatos salien tes, dentre os quais, o cordão psíquico.

«Êste cordão ou cabo», declara o Dr. Nador Fodor, que estudou atentamente êste assunto, «que comporta semelhança impressionante com o corpo físico de um recem-nascido e seu cordão umbilical, está ligado à medula cervical em certas partes do crâneo e, segundo alguns pesquisadores, ao plexo solar». Esta contradição na localização corresponde bem às diversas maneiras pelas quais se procede às experiências do desdobramento. Parece não haver leis que regulem esta matéria, mas apenas uma regra geral. Por exemplo, certos indivíduos desdobram-se imediatamente e por completo; outros escapam-se pela cabeça, outros, pelos pés, enquanto que alguns pretendem que se dissolvam e tornem a formar-se acima do organismo físico. E é, de facto, por diversas formas que se efetua o retôrno ao corpo físico.

De minha parte, sei que volto, sempre, pela cabeça, enquanto retomo gradativamente, o contrôle de meu corpo físico, e que se processa lentamente, para baixo, como se o corpo etéreo se fixasse, com lentidão, no corpo físico. Certa vez, mesmo, foram-me necessárias duas horas para realizar o retôrno completo, e eu me encontrava inteiramente consciente do fenômeno durante toda a sua duração.

O Dr. Fodor declara que o cordão umbilical não é um simples tecido de teia de aranha mas que se distende mais longe, estando, como se supõe, mais denso, desde que não se alongue muito. «E'

de côr branca-cinzenta (prateada) e elástico, até uma extensão incrível», como se pode imaginar, desde que se considere a enorme distância que o corpo etéreo pode percorrer para aparecer fora de sua contra parte física. E' êle o condutor da corrente vital que permite ao espírito ou à alma fazer a coordenação com o corpo físico, o que parece impossível sem o seu concurso. Sua separação completa significa a morte imediata.

A primeira experiência de desdobramento pode ser bastante perturbadora. Para mim, aconteceu que me acordei antes de ter obtido pleno contrôle de meu corpo físico. Imaginai uma pessoa completamente despertada, mas incapaz de mover seu corpo da maneira mais insignificante! Sentimo-nos como um prisioneiro dentro da mais ínfima das células, sem auxílio e fazendo esforços para se tornar senhor de seu próprio corpo! Depois, eu me certifiquei, depressa, de que, mantendo-me em estado perfeitamente calmo e deitado, a volta se efetuaria normal e agradavelmente. A utilização da vontade não sómente retarda o contrôle, mas, também, nos conduz ao temor.

No atual momento, a questão do duplo etéreo e suas possibilidades, representa ainda um mistério em vários pontos, e ninguém possui autoridade bastante para poder falar com critério absoluto. Da mesma forma que outros fatores naturais, concernentes à vida, é assunto totalmente particular, e pode-se dizer que, talvez no futuro, descobrir-se-á que o assunto encerra faces multiformes. Jamais chegaremos, nesta matéria, a estabelecer uma ciência exata, da mesma maneira como não poderemos, jamais, formar uma ciência exata no campo da psicologia.

O que poderá ser ainda mais embaraçoso, é o caso de vermos o nosso próprio duplo! Entretanto, isto parece ser um fato averiguado. De outra forma, o duplo psíquico pode agir à distância, desde que o paciente o ignore por completo e desde que viva, por todo êsse tempo, sua vida normal.

Certo número de pessoas tem feito experiências com êste fenômeno e, dentre elas, Maupassant, Alfred de Vigny, Musset, Shelley, e o poeta alemão, Goethe.

Goethe descreveu fielmente o fenômeno. Assim, conta que, viajando a cavalo, ficou surprêso de ver a si-próprio vindo a seu encontro e vestido com roupas que jamais havia usado! Oito anos depois, encontrava-se na mesma estrada e com os mesmos trajes da visão anterior. Foram as suas próprias palavras: «Isto não aconteceu por minha expressa vontade, mas por acaso».

O exame minucioso de todos êstes casos conduz-nos à conclusão de que existem exemplos de previsão do futuro. Entretanto, a dificuldade repousa na realidade do duplo da época. Um dos exemplos mais significativos dêste fenômeno foi-me relatado por um senhor que se encontrava em Exeter, no Devonshire, na Inglaterra, e que o aterrou. Êle teve ordem da casa que representava de procurar certo cliente em determinado lugar, às onze horas da manhã seguinte. Com grande surprêsa sua, o cliente apresentou-se uma hora mais cedo, trazendo pequena valise. Apertaram as mãos, discutiram em pormenores o assunto comercial e se separaram. Uma hora após, o mesmo facto se repetiu: todos os gestos e palavras foram renovados e, contudo, tem-se a prova de que o cliente não se encontrava em Exeter na ocasião do primeiro encontro!

Certas pessoas, em diferentes épocas, têm-me declarado que elas próprias me haviam visto e ouvido falar. Entretanto, na maioria dos casos, eu pude provar que me encontrava muito longe da cena, cuidando normalmente do meu trabalho ou atividade de sempre.

Assim, foi-me possível provar a um membro pre-eminente da «Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas» que o espírito ou alma é capaz de viver independentemente, mesmo a grandes distâncias, fora do organismo físico. A prova mais convincente da existência do duplo etéreo se revela no fato de poder ser visto simultaneamente por diversas pessoas. O professor Charles Richet cita vários exemplos no seu livro—«Trinta Anos de Pesquisa Psíquica». Existem, além disso, outros testemunhos.

Um dos argumentos preferenciais dos negativistas da hipótese espírita, no que concerne às materializações, é êste: não é outra cousa sinão o duplo etéreo do médium, modificado, para ser de semelhança de alguma outra pessoa. Entretanto, os moldes de parafina apresentam a *prova objetiva* de que são formados por espíritos materializados. O próprio físico

inglês, Sir William Crookes, confirma que realizou tais experiências.

Posso testemunhar, sem hesitação, a possibilidade de uma pessoa residindo a mais de 500 quilómetros, se manifestar sob uma forma sólida e sustentar, comigo, uma palestra prolongada e inteligente, tendo segurado em sua mão, parcialmente materializada. E, para confirmar que realmente se achava presente, antes de se desmaterializar, ela me confiou um segrêdo, cuja veracidade, mais tarde, pude verificar. Isto convenceu-a de que tem sido a manifestação do seu «Eu» etéreo, si bem que não tivesse a menor lembrança do que aconteceu.

Pouco se conhece sôbre a melhor forma de efetuar-se conscientemente um desdobramento etéreo. A maior parte daqueles com os quais tenho discutido o assunto, sentiram espontâneamente o fenômeno, e isto, com grande admiração. Entretanto, encontrei diversas pessoas que me declararam serem capazes de se desdobrar à vontade. Uma delas é um engenheiro que prestava serviços técnicos a uma usina elétrica do sul da Inglaterra. Ele, no fim, suspendeu estas experiências por temer que, algum dia, não pudesse mais retomar seu corpo físico. Era chefe de pequena família e acreditava em que o risco seria muito grande. Ele não era Espírita.

O estudo aprofundado das circunstâncias referentes ao desdobramento, mesmo o espontâneo, revela um esfôrço bem organizado e um objetivo bem definido. Isto poderia produzir-se abaixo dos limites da consciência. Não há razão alguma para se fazer esta sugestão, pelo motivo de que a pessoa normalmente ignorava o fim visado. Sabe-se, perfeitamente, que a consciência normal não é mais do que uma parte especializada do espírito e que ela se acha bastante limitada quanto ao conhecimento das demais possibilidades do espírito. Os recalques e a hipnose o provam.

Nas regiões inferiores do espírito há muitos comportamentos dos quais nada conhecemos; certamente, é aí que nós vivemos a maior parte de nossa vida mental.

Se os recalques podem causar,—como nós sabemos,—uma forma de histeria, e reagir inesperadamente sôbre o corpo físico, há poucas razões para negar que, tendo-se dado outros elementos estranhos ao corpo físico, possam produzir-se muitas coisas no domínio do etéreo, a respeito das quais, ainda devemos permanecer na ignorância. Isto, naturalmente, deve ser considerado como especulação mas não uma especulação sem finalidade justificada.

Devem existir explicações de aparições fora do corpo físico, e não há, desse assunto, uma melhor explicação a não ser aquela que se oferece com a saída do corpo etéreo.

Se um dia a ciência oficial puder explicar êste fenômeno, ter-se-á realizado um grande progresso concernente à natureza do homem e, poder-se-ão, também, descobrir novas condições de existência. Isto implica em novas concepções do tempo e do espaço, pois o mundo etéreo não será, talvez, inteiramente físico. Desde então, nós nos convenceremos de que o homem poderá encontrar-se, ao mesmo tempo, em dois lugares diferentes e duas vezes no mesmo lugar, como no caso de Goethe.

Novos Rumos dados por Kardec

A evolução está imanente nos sêres e nas cousas. Tudo que existe, material e imaterial, está sujeito à grande lei da evolução.

Relegando esta verdade, o mundo, por muitos anos, se baseou na autoridade, na infalibilidade para resolver todos os problemas que preocupavam os pensadores.

No terreno científico Aristoteles era um papa, infalível, de suma autoridade.

O peso da autoridade aristotélica esmagava qualquer argumentação no terreno científico; e no terreno religioso, o papa, na sua pretensa infalibilidade tudo decidia com a autoridade divina...

E o mundo vivia assim subjugado por duas grandes autoridades.

O papa muitas vezes entrava em terreno não religioso para «resolver» problemas transcendentes, tendo, como é natural, a Biblia como fonte infalível de autoridade. E assim, dando por paus e

por pedra, foi «resolvendo» grandes problemas, suas decisões eram dadas por decretos infalíveis e, indiscutiveis; dessa maneira, infalivelmente, «resolveu» a questão da esfericidade da terra, da geração espontânea, da existência de micróbios, ènfim, problemas que exigiam observações e experiências atentas, com duas penadas infalíveis, dava por resolvidos de uma vez para sempre...

Aristoteles ensinou que, se se abandonassem simultaneamente de certa altura duas bolas, uma de cinco quilos e outra de um, a primeira tocaria o solo cinco vezes mais depressa; isto parecia muito natural e ninguém poria em dúvida a autoridade de Aristoteles. Mas, Galileu quís por à prova essa afirmação do grande filosofo grego. Foi o que fez.

Convidou a Universidade de Pisa para assistir à experiência, e, da torre de Pisa lançou ao mesmo tempo os dois pesos, e, qual não foi a surprêsa: os dois pesos tocaram o solo simultaneamente!

Do alto da torre de Pisa esborrachou a afirmação de Aristoteles...

Era a experimentação que vinha desfazer a argumentação filosófica da época; provou Galileu que toda argumentação tinha que passar pelo crivo da experiência, era o pensamento baseado na experimentação que iria dar o grande impulso à ciência e à filosofia.

A autoridade papal na idade média queimava os feiticeiros (os médiuns de hoje), as manifestações espíritas eram abafadas pela fôrça dos dogmas e da intolerância.

Surgiram os reformadores, foram combatidos pela contra reforma. Luthero com a pregação do livre exame do livro sagrado ia contrariar a doutrina secular da imposição da crença pela autoridade pontifícia.

A luta entre os reformadores e os catolicos trouxe um grande benefício à humanidade, o homem que abalou o mundo, abalou a autoridade clerical.

Muitos homens de ciência ficaram à margem da religião, homens afeitos à filosofia, à ciencia experimental, antes criticavam as atitudes religiosas, mas não se filiaram a esta ou àquela seita, eram, em religião, marginaes.

Os cérebros privilegiados da epoca não encontravam lógica nas argumentações religiosas, sabiam que pela dialética muitos padres argumentavam, procurando provar, grandes absurdos em materia de teologia.

O mundo sem provas religiosas caminhava para o cepticismo, para o materialismo crú.

A religião precisava dar provas concretas de seu ensino, das suas afirmações dogmaticas, as autoridades clericaes davam ao povo um ensino vasío, ôco, sem base na razão; a fé cada vez mais se divorciava da ciência e da filosofia.

Os cérebros pensantes pediam provas, pediam um novo Galileu que viesse destronar a autoridade clerical, como fôra destronada a de Aristoteles.

Esse novo Galileu veio ao mundo para trazer as provas que a humanidade necessitava; as experiências espíritas feitas pelo grande genio da humanidade, Allan Kardec, assentaram as bases definitivas da filosofia religiosa: afirmação de uma verdade pela experiência.

Galileu, do alto da torre de Pisa, com dois pesos apenas, destronou a autoridade de Aristoteles; Allan Kardec, com experiências de tiptologia, demoliu um Himalaia de Dogmas arquitetados pela autoridade pontificia.

MAC MAYNARD.

Tatuí, 1-1-54.

A paz sómente será estabelecida no vosso mundo quando os homens se tornarem verdadeiramente cristãos. E o Espiritismo está no vosso mundo justamente para cristianizar os homens de modo que êles possam se orientar de acôrdo com o espírito do amor fraterno ensinado e exemplicado por Jesus. Isto quer dizer que deveis vos empenhar a fundo na prática e difusão desta doutrina, certos de que o vosso salário real está sendo anotado no Livro da Vida. — CAIRBAR.

Crônica Estrangeira

Hoje os funerais não são tão negros

«Two Worlds» (Londres)

O Espiritismo puro e simples entra nas páginas do «Oldham Evening Chronicle», num artigo de seu colaborador, «Wayfarer».

Sessenta anos atrás, escreve êle, um funeral era horroroso acontecimento. Todos manifestavam o desespêro e se cobriam de luto. Mesmo a pessoa morta era considerada uma causa perdida, se êle ou ela não fôra regular frequentador de igreja.

Hoje, diz Wayfarer «tenho sérios motivos para suspeitar que nem todo o clérigo entrará na posse do melhor lugar no mundo espiritual. Se êle fôr digno dêsse mundo, êle o terá, mas do contrário, não. Causa e efeito são os Princípios imutáveis de Deus».

Os funerais hoje são mais claros, acrescenta êle. Dizemos que nossos amigos se passaram, não morreram. Encaramos a morte como um acontecimento natural. Cada vez mais nos convencemos de que o homem é um espírito, «sendo o corpo físico apenas uma morada temporaria, que êle ocupa por algum tempo e depois o abandona».

Graças aos trabalhos de homens como Sir William Crookes, Oliver Lodge, Prof. C. Richet e outros grandes investigadores psíquicos, temos a prova científica da sobrevivência humana.

Livro que se desloca duma Estante

O *Psych News* publicou em Dezembro último o relato de um fenômeno invulgar referente ao livro «Antiguidades e Curiosidades da Igreja» que mão invisível tira mensalmente de certa estante do museu do Yorkshire.

Brian Lumley, noticiarista do *Yorkshire Evening Press*, diz que Georges Jonas, guarda do museu, foi o primeiro a notar a aparição de um velho que pegava no livro. Depois, o médico de York resolveu tomar parte nas investigações que se fizeram com Lumley, Jonas e seu irmão James, F. A. Nutt, W. N. French, e bem assim o referido médico e um advogado, que se reuniram na bibliotéca fracamente iluminada e que fôra prévia-mente esquadrinhada, quando o fantasma apareceu.

O livro estava bem colocado na estante. Ás vinte horas menos dezoito minutos sentiu-se um ruído especial e viu-se sair o livro vagarosamente da fila onde se encontrava e cair no chão, com o título para cima e ligeiramente aberto. O médico estava próximo da estante e disse que antes da eclosão do fenômeno sentiu as pernas muito frias até ao joelho. Ninguém teria podido tocar no livro, porque Lumley estava de vigia e os restantes distavam cerca de dois metros do lugar. O médico inspeccionou a estante, levantou os outros volumes e nada viu de anormal. O guarda do museu exclamou :

— Talvez agora me acreditem.

O irmão dêste, que manifestara incredulidade, estava aparvalhado à vista do fenômeno.

Após as investigações, o médico declarou :

— Isto é absolutamente incrível. Sem dúvida, o livro foi tirado da estante por qualquer coisa que não é dêste mundo.

O advogado, por sua vez, justificou :

— Eu vi com os próprios olhos. De resto, não acreditaria em ninguém que me narrasse o fato,

Um dia, no momento de fechar a bibliotéca, Jones viu a aparição escoar-se por uma porta fechada a cadeado. De outra vez, quando ia acompanhado, ouviu voltar as páginas de um livro, que caíu no chão, quando êle se aproximou.

Parece que se trata do espírito de Edward Wooler, um advogado de Darlington e antiquário a quem o livro pertencia e cujo cartão de visita estava no interior do livro.

E' pena que o médico e o advogado mantenham o anonimato, pois se-

ria interessante que assumissem a responsabilidade das afirmações.

E' possível que a entidade espiritual encontrasse apôio nas faculdades mediúnicas de qualquer pessoa que ali vivesse, pois só assim poderia tanger a matéria.

⁂

As fôrças naturais desconhecidas

«Revue Spirite»

Sob o título supra, o eminente astrônomo e espírita Camilo Flamarion publicou em «Revue Spirite», uma série de fatos a êle comunicados por cartas. Oferecemos aos leitores o que segue, relatado por Ignaz Georg Doleschal (Alemanha):

«Senhor, o vosso nome sempre é citado em minha terra como representando o melhor juiz dos fenômenos inexplicados; assim, ouso pedir a vossa opinião sôbre os dois fatos seguintes, que me são pessoais.

Eu era empregado num escritório, e estava muito ocupado, tão apressado que não desviava a atenção do meu trabalho, que completamente absorvia meu pensamento, pois era preciso terminá-lo naquele mesmo dia. Ora, de-repente, ás três e meia, em pleno dia estival, vejo distintamente minha mulher e meus dois filhinhos, não longe de mim, em uma canôa conduzida por um moço em costume militar. O barco oscilava fortemente e o piloto parecia muito inquieto. Todos os quatro revelavam grande temor. Eu nada compreendia dessa visão imaginária, não adivinhando como poderiam estar num barco pilotado por um soldado, minha mulher e filhos, que se achavam em Dresde; considerei absurda a minha visão e atirei-me ao trabalho e não mais pensei no caso.

Dois dias depois, ao voltar à casa, disse minha mulher exclamando: «Imagina que por pouco não nos tornariamos encontrar! — Como assim? — Queriamos atravessar o Elbe, e um soldado que lá estava ofereceu-se a conduzir o barco. Mas passou um grande barco a vapor, e as ondas agitaram nossa frágil embarcação. Estavamos a pique de naufragar! Foi isso ás três e meia horas...»

Eis aqui uma audição à distância.

Num grande escritório comercial em que eu ocupava o primeiro cargo, um de meus colegas cometeu um furto.

Um dia em que eu estava de cama em minha casa, sofrendo bastante, êsse colega descobriu, em minha gaveta, as chaves da caixa. No leito, ouvi as chaves que caiam no soalho, sem nenhuma causa explicativa. Quando voltei ao escritório, verifiquei que alguém roubara minhas chaves, precisamente à hora em que as ouvi cair, e efetivamente jaziam no soalho dêsse escritório (situado a grande distância de minha morada), em conseqüência da precipitação do ladrão.

Tratar-se-á de audição à distância, como antes, visão à distância... Telepatia? Mas, qual a explicação?»

⁂

Um testemunho pessoal

«Light»

Mr. Frank T. Blake, falando em Newmouth, fez a seguinte declaração:

«Aquí estou e declaro com absoluta verdade, impossível de ser contestado por qualquer alma vivente, que tenho sido testemunha, com êstes meus olhos, da presença dos corpos vivos de nossos mortos, em circunstâncias idênticas aos relatos contidos nos Evangelhos e concernentes ao reaparecimento de Jesus após a sua morte. Nenhum homem, nenhum criticismo ou tortura poderiam fazer-me negar esta afirmativa.

Durante 30 anos, tenho experimentado a vívida companhia dos mortos. Tenho visto milhares; falei a centenas. Andei ao lado de espíritos, em formas sólidas, juntamente com êles caminhei em salas de sessões, de braço dado e com êles conversava. E nada descobri nessas experiências capaz de ofender qualquer credo cristão».

⁂

Previsão da própria morte

De «Estudos Psíquicos»

J. Watts conta-nos, em «Psychic Highlights», que a Niassalândia é a mais encantadora terra em que êle viveu. Admira-lhe o povo, que é leal, valente e

honesto, inteligente e alegre. Não havendo hospital nessa região, êle estabeleceu um pequeno centro de primeiros socorros na sua propriedade, com a preceptora de sua filha para o ajudar e à sua mulher nos tratamentos.

Um dia, um dos seus criados anunciou-lhe que o chefe Jeumola desejava falar ao Dona. O chefe era um homem alto, de aspecto digno, vestido de vermelho e branco, e trazia uma fina peça de tecido feita à mão. — «Para agradecer ao Dona, que tem ajudado o meu povo, eu trago este pobre presente».

Algum tempo mais tarde, tendo-o encontrado na aldeia o chefe disse-lhe: — «Dona, digo-lhe adeus».

— «Você vai fazer alguma viagem, Jeumola ?».

— Sim, Dona, na próxima terça-feira vou para o Pai».

— «Para o Pai ?» — perguntou, surpreendido, Watts, sabendo que o chefe só tinha 60 anos e parecia estar de perfeita saúde e cheio de serenidade.

— «Sim, Dona» — foi a resposta, com um longo e grave olhar.

«Isto passou-se na quinta-feira, de manhã. Na terça-feira seguinte, Jeumola morreu repentinamente.

«Os nativos não se lamentam quando uma pessoa querida morre. Eles alegram-se que isso lhes aconteça.

«Estas pessoas, vivendo muito longe da civilização, parece nunca temerem a morte. Eu não sei se muitas delas sabem a hora da sua morte, mas Jeumola certamente que o sabia».

«Talvez que estes habitantes de Niassalândia não estejam tão «longe da civilização», como somos levados a pensar».

«Em Bombaim eu tive por amigo um aristocrata indú. Em certo fim de semana êle anunciou-me que morreria na quinta-feira seguinte, às 3 horas da tarde. Nesse dia chamou a família e amigos, disse-lhes adeus e pediu-lhes que o deixassem só para meditar calmamente nos seus últimos dias. De facto, ele morreu no dia e hora que tinha previsto».

Tempo virá em que o problema da morte, atualmente tão terrificante, será encarado com a mesma serenidade do Niassanlandês Jeumola. E, possivelmente também, com a maior naturalidade será conhecida a hora suprema de cada ser.

Assim será verdadeiramente compreendida e aceita uma das Leis Divinas que nos regem.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Isidoro Duarte Santos

Dando sequência ao seu vasto programa de visitas pelo País, o ilustre beletrista lusitano, após os quatro dias de estada na Capital Paulista, voltou ao Rio a 14 de Junho p.p. dali seguindo para o Norte.

Em Vitória, Estado do Espírito Santo, Salvador - Bahia, Recife — Pernambuco, Maceió — Alagôas, Aracajú — Sergipe e João Pessôa — Paraíba, portanto, foram os Estados que receberam a figura do querido irmão d'além mar, no periodo de 15 de Junho a 15 de Julho p.p. A 18 novamente em S. Paulo, onde realisou conferências na União Federativa Paulista, Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, Liga Espírita do Estado e visitas a algumas instituições espíritas beneficentes. No sabado 23, foi recepcionado pelos Diretores da Federação Espírita do Estado, União das Sociedades Espíritas, Instituto Espírita de Educação, com um almoço no Restaurante Dino, na Capital. Presente a esse ágape o editor Batista Lino e o Dr. Agnelo Morato, este representando o Educandário Pestalozzi de Franca e a Imprensa Espírita do Interior.

O Dr. Luiz Monteiro de Barros fez a saudação em nome dos espíritas paulistas e logo após, a réplica de agradecimento do irmão Isidoro.

A's 19 horas, dirigiu-se à séde da Federação, onde lhe foi oferecida a oportunidade de falar à Aula de Aprendizes do Evangelho e ainda, assistir uma sessão íntima que muito o emocionou.

No dia 25, dirigiu-se à cidade de Santos e, depois de percorrer e visitar a Casa dos Pobres e o Centro Espírita «Ismenia de Jesus», fez a sua esperada conferência, à noite, discorrendo sôbre tema de grande atualidade.

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Em virtude da sua máquina impressora achar-se já muito gasta, sendo forçada a submeter-se a constantes consertos devido à sua velhice, 80 anos aproximadamente, o nosso companheiro «O Clarim» iniciou uma campanha para acquisição de uma máquina nova que, embora modesta, custa bom dinheiro hoje.

Aberta a campanha, inúmeros confrades já atenderam o apêlo fraternal de «O Clarim» enviando os seus donativos, afim de que a obra de Cairbar Schutel não pare na sua marcha de difundir o Espiritismo.

São os seguintes os confrades que já enviaram os seus donativos:

	CR. $
Jeny Perche	60,00
Elvira Silveira Perche	50,00
José Angelo Pelegrino — São Carlos	5.000,00
Aleixo Victor Magaldi — Volta Redonda	50,00
José Garcia Rosa — Ribeirão Preto	50,00
D. Eliza de Camargo e D. Josefina S. Camargo — São Paulo	200,00
Zelia Silveira Perche	500,00
Dr. Ignacio Ferreira — Uberaba — 16 volumes de livros no valor de	400,00
Donativo de um confrade de S. Paulo	200,00
Anônimo	200,00
Brasilio de Mattos — S. Carlos	10,00
José Jacob Celli — Araraquara	200,00
Helena Goulart de Faria — Araraquara	100,00
D. Chiquita Fonseca	10,00
Um companheiro	1.000,00
Djalma Avezani — S. Paulo	100,00
Familia Di Giacomo — Catanduva	1.000,00
Confrades do C. E. Santo Agostinho de Presidente Bernardes	310,00
Vinicius — de S. Paulo — em livros	420,00
D. Gisela Cabraitz — Salto	50,00
Antonio da Motta — Franca	100,00
Florêncio Tejeda — Limeira	100,00
Sydnei G. Wiss Barreto — Adamantina	20,00
Angelo Rinaldi — Taquaritinga	150,00
	Cr. $ 10.280,00

Em nome de Cairbar Schutel agradecemos, de coração, aos confrades que já enviaram os seus donativos para tão útil e oportuna Campanha.

A 26 seguiamos para Limeira. Na «gare» à nossa espera, Florencio Tejeda e Antonio Cruañes Filho. Um rápido descanço no lar deste último e a seguir, visitas ao Nosso Lar e Albergue Noturno, dois setores que dignificam o esfôrço dos irmãos da terra da laranja. A's 18 horas, por deferência especial, o confrade Nenem, coloca à disposição do conviva, o microfone da Rádio Educadora de Limeira. Programa comercial de uma firma para estar à disposição dos ouvintes e terem a ocasião de conhecer o orador que falaria em Espiritismo. Gostamos da feliz idéia do estimado companheiro Nenem.

A's 20 horas, feita a devida apresentação pelo amigo Tejeda, Isidoro deleitou o auditório por 60 minutos, numa explanação de conceitos admiráveis sendo, no final, intensamente aplaudido.

No dia seguinte, 27, rumo a Piracicaba. Chegada ás 9 horas e, à nossa espera, êsse nobre de «gentleman espírita» que é o ilustre Catedrático de Botânica da Escola Superior de Agricultura «Luiz de Queiroz», Prof. e Dr. Walter Radamés Accorsi. — Como se afinam as almas com tanta presteza? Que mistério Senhor, liga os sêres para essa liberdade expansional tão rápida?

Quanta beleza vemos na teoria reencarnacionista e da qual é o Espiritismo lídimo paladino e atual continuador das velhas e milenárias teorias da sucessão das vidas. Dentro em pouco, em casa de D. Eugenia Galvão, da qual seremos hospedes. E que dizer de tão amável criatura que é Mãe Eugenia?

Considerada o esteio da doutrina, com meio século de lutas e sacrifícios pela causa do Divino Messias, tem em seu acêrvo o de ser a Digna Serva do Senhor e Mestre Jesus, confortando, orientando e

amando até hoje, não só os fiéis adeptos da Doutrina dos Espíritos, bem como os necessitados de toda a sorte. Dali saem: o receituário para muitos doentes, o passe curativo, a palavra do Evangelho e, basta saber que, Vinicius, Pitta, Dr. Accorsi, João Eudoxio da Silva e outras figuras ilustres do movimento kardecista, dão o testemunho da grandeza d'alma da Professora Eugenia Galvão da Silva.

A' tarde de nossa chegada, fomos visitar o «Nosso Lar» futuro educandário que nossos irmãos piracicabanos constróem com desvelo e fé impares. A mulher espírita, como sóe acontecer, organiza almoços campestres, reuniões festivas, chás, pic-nics, etc. no próprio local e assim, tendo o terreno sido adquirido «sob palavra» soubemos pelo Dr. Accorsi, quanto o Alto colaborou para que hoje, o seu patrimônio, no valor de Cr. $ 1 500.000,00, representa no seio da tradicional Cidade Universitária. Grande feito dos espíritas de escól que bem merece a nossa admiração.

Após outras visitas em diversos Centros, realizou se à noite na séde da União Espírita de Piracicaba, a conferência do irmão Isidoro, sendo sua apresentação feita pelo «condottieri», Dr. Accorsi.

Notamos que, a simplicidade com que se pratica o Espiritismo nessa cidade, mereceria de todos, um estudo mais prolongado. E' preciso conviver com tais amigos e irmãos, para se ter noção clara de como se esforçam por ser verdadeiramente cristãos, sem ferir a susceptibilidade de quem se diz espírita. Isidoro apresentou um trabalho agradabilissimo. Na manhã seguinte, rumo a Araras, passando por Limeira. Mais um contacto com Tejeda, êsse companheiro simples e cordial. Em Araras, motivos de ordem inesperada, obrigou-nos a não realizar conferência. Nêsse caso, seguimos rumo a S. Carlos. Aí, também, o programa era incerto mas, tivemos agradável contacto com o irmão Jacinto, o leal irmão que há anos luta pela defesa da Doutrina nêsse sólo áspero. Todavia, agora, robustecida pela presença do irmão Vilaça e com uma Mocidade que tem à sua frente um Presidente extraordinário, cremos que a linda cidade da Paulista, que tem em seu meio a figura dêsse notável varão que é Antonio Basso, e, a seu crédito, o de ter realizado duas importantes Semanas Espíritas, não nos admiremos se dentro em breve, a doutrina estará em plena ascensão. Parabens aos irmãos sãocarlenses e votos de muito êxito.

A etapa seguinte foi Matão. Não estava programada, mas achamos que não poderia Izidoro vir ao Brasil e não visitar a turma do Schutel. E assim, despontamos na doce e serena cidade do inesquecível CAIRBAR. Adentrando a casa, sem aviso, invadimo-la, e já fomos abraçando o querido Campêlo e Antoninha. Surpreza? Maior do que isso! O Izidoro de Portugal em visita! Gente! Os espíritas são esquisitos, pois não? A' tarde, visita ao Juca, que apesar de certa fraqueza, engordou 10 kilos. Estava radiante o valente soldado do «Clarim». Um café gostoso, com a esposa solícita e mais a presença do Edo Mariani e Adelar Machado. E a prósa prolongou-se por duas horas, até que D. Antoninha Perche Campêllo veio buscar-nos. Nessa noite a temperatura caíra e um frio cortante nos obrigara, a pedido do Izidoro, a não realizar conferência. A geada fazia estragos tremendos assolando diversos Estados, como posteriormente sabiamos pela Imprensa.

A noite decorreu entre os familiares dos Perches e Campêlo. Na manhã seguinte, 6 horas e meia, uma rápida visita ao Lar Infantil «Cairbar Schutel». Nossa cicerone, essa criatura íntegra que é a irmã Farmacêutica Zélia Perche. O modelo da Bôa Vontade e de realização estão personificados em sua alma nobre e singela.

Saimos às 7 horas e às 12, chegada em São José do Rio Preto. A' nossa espera, Tonello e EIMKE. Abraços, e dentro em pouco, somos hospedes do casal EIMKE. Lá, a figura ímpar de D. Romilda, ao lado desse novo trabalhador da seára, seu esposo. Os filhos e netos completam a harmonia dessa familia original. Cultos, simples, amaveis, desfazem-se em mil atenções.

Aí, o programa foi de 2 dias, bem lotados. Duas palestras, em dois Centros; visita ao Sanatório, onde fomos encontrar em repouso o grande pregador de ontem que foi o Chico Amadeu. Ao vê-lo, não pudemos conter as lagrimas. Está a caminho da recuperação. Visitamos o estabelecimento e os internados. Uma obra meritória, tendo à sua frente um ótimo provedor e ilustre médico na parte clínica.

Na primeira noite, Izidoro foi re-

cepcionado condignamente pela turma da Juventude e Mocidade local. A' sua chegada, um aluvião de aplausos que muito o comoveram. Apresentação a cargo do irmão EIMKE.

No 2.º dia, uma visita a um dos esteios da doutrina, na linda e formosa Rio Preto: o irmão Zico, o combatente de 1.ª linha. Estava acamado mas, conservando o seu bom humôr. A querida esposa, outro elemento digno da mulher espírita. Lá, além do «indefectível café,» a Mocidade organisou um «show espiritualista». Gostamos da idéia. Quanto ao Sanatório-Hospital Bezerra de Menezes, devemos mencionar que o mesmo tem como apôio, a Associação de Beneficência Espírita Consolador, onde um pugilo de confrades abnegados fazem o bem pelo bem, seguindo a regra do Cristo. Mas, contrariando o que nos foi pedido, é justo salientar o devotamento pela causa, do amado Zico, essa figura de prôa que honra o Espiritismo na fidalga cidade da Araraquarense. O casal Eimke, a familia Tonello, e outros irmãos dedicados, completam a equipe. Quanto ao setôr da Mocidade, notamos duas expressivas criaturas em seu meio. O Presidente e a jovem Professora Terezinha. Ambos elementos destacados que estão perfeitamente cônscios da elevada finalidade educacional que a doutrina necessita. Promissora juventude.

A 1.º de Agosto, 1/2 dia, nossa partida pela VASP, rumo a Ribeirão Preto. As 13,15, à nossa espera no Aeroporto da terra do café, 30 confrades, e, liderando o pelotão, o Prof. Jaime Monteiro de Barros, José Papa, José e Nair Cunha, e os jovens da Mocidade. Recepção festiva.

A' noite, na séde da União Kardecista. Presidência de José Papa. Saudação ao visitante pelo Prof. Jaime M. de Barros. Casa lotada. Durante 80 minutos, discorreu Isidoro sôbre multiplos aspectos doutrinários.

No dia seguinte — 2 —, sempre ao lado desse anfitrião admirável que é o distinto amigo, Dr. José Pereira Bastos, advogado de escól, Isidoro visitou a Imprensa e o Rádio. Diário da Manhã — A Cidade e, pelo «dial» da PRA 7, dirigiu aos espíritas a saudação dos irmãos lusos. A' tarde, foi recepcionado na séde do Consulado Português. Um belo grupo de amigos numa reunião íntima, agradável e inesquecível tendo à frente, sua Excia. o DD. Vice Consul, Sr. Manoel Santos Freire, diplomata de escól.

Ao champanhe, disse o representante da Nação irmã que, a vinda de um oficial superior da Marinha de Guerra Portugueza ao Brasil, era motivo de muita significação, pois, em viagem de cordialidade e paz, o contraste era evidente. Agradecendo, Izidoro, comovido, explicou aos convivas que era cidadão de dupla nacionalidade de vez que, considera-se luso-brasileiro pelos laços do aféto e da língua.

Reconstituiu episódios históricos, onde as duas nações firmaram seus princípios de fraternidade. Saindo desse ambiente, dirigiu-se após a visitar a cidade e, a noite, às 20 horas, adentravamos a séde do União e Caridade. Aqui, então, a cousa atingiu ao climax. Iniciando a reunião sob a direção de José Cunha, um grupo de damas constituido das senhoras Julieta Corsini Monteiro de Barros, Albertina Papa, Nair Cunha, Estefania Carneiro e Maria Trovato, subiram ao palco, e, depois de sincera e tocante saudação proferida por D. Albertina Papa, as mesmas ofertaram ao hospede, as flores da gratidão da Mulher Espírita.

Isidoro comoveu-se e seus olhos marejaram-se de lagrimas a lembrar-lhe a doce figura de sua amada Lia, hoje na espiritualidade. Assim, D. Maria Duarte Santos, foi homenageada «post morte». Se na noite anterior, os irmãos Vinicius e Vera Lucia Papa, haviam dado a nota no setor artístico, a mesma oferenda teve reprise agora, com a jovem Carmen Silvia, cantando ao violão um fado e mais a voz do tenor Denisard, com a joven Prof.a Véra Lucia Papa ao piano.

Em seguida, a conferência. Como de habito, mais uma etapa vencida galhardamente por Isidoro, muito aplaudido ao seu término. Por motivo de fôrça maior, deixou de comparecer à reunião, o confrade Salvador Trovato, Presidente da Casa. Todavia, na manhã seguinte, antes de deixarmos a cidade, abraçamo-lo efusivamente, pois havia chegado de viagem. Em meio a despedidas, entre abraços, saudares, etc., seguiamos na manhã de 3, rumo à Franca, no carro do amigo José Cunha. Em viagem, passamos por Brodosky, a terra de Portinari, e ainda, em Batatais, visitámos a Matriz, para ad-

mirar os paineis dessa grande expressão da pintura universal.

Ao meio dia em Franca, e dentro em pouco, após rápido descanso no Hotel Francano, recebemos a visita do «maitre» Agnelo Morato. O ex-cardeal de outras éras, já se colocava ás nossas ordens.

A's 15 horas, no Educandário Pestallozzi, sendo recebidos pelo casal Novelino.

Minutos depois, assistiamos como espectador privilegiado, a debates entre essas duas expressões vivas da doutrina, Isidoro e Novelino. Durante 70 minutos, o entusiasmo, á ilustração, a sapiência, a cultura e a sinceridade sobretudo, animaram esses dois velhos gladiadores da 3.a Revelação. Abordando assuntos de ordem transcedental, apenas ouviamos, não sabendo o que mais admirar, se o valor intelectual dos litigantes, a beleza dos diálogos, ou a luta leal dos esgrimistas da palavra.

Afinal, terminou a arenga. Os dois ilustrados abraçaram-se e, graças a Deus, a visita ao Educandário. O cicerone Dr. Novelino, logo mais à noite, na séde do Fé e Esperança, dirigia os trabalhos. Casa «au complet». Após a prece, números de cantos pela MEF sob a direção de Olavo. Apresentação do orador pelo Dr. Novelino, e «curriculun» pelo mesmo.

Isidoro encantou a assistência abordando o tema: Os dois pratos da vida.

Ao final, fez-se ouvir em magnifico agradecimento, Agnelo Morato. Antes da reunião, a juventina Tereza de Paula, leu uma mensagem, ao visitante, em nome dos moços francanos e uma linda garota de 8 anos ofertou flores. A prece final, foi ao Alto, na palavra suave do irmão Motta. O jornalista Teofilo Araujo Filho, D. D. Presidente da Loja Maçônica local e demais pessoas gradas da cidade, prestigiaram a solenidade. Na manhã seguinte, com Morato, Novelino e José Russo, fomos em visita à Usina de Peixotos, grande realização do Governo de Minas Gerais com o Governo dos Estados Unidos da America. Percorrendo detalhadamente o famoso vale da «Garganta do Diabo», vimos em duas horas o que será em futuro a nova adutora e Usina Hidro Elétrica de Peixotos. Mais de 40 engenheiros de diversos países e 3 500 homens prestam sua colaboração nesse trabalho gigantesco. Alí, o Rio Grande, mostra uma parte da sua pujança e do seu esplendor. Uma visita memorável e inesquecível.

Brasil, País do Futuro, no dizer de Stefan Zweig — Pátria do Evangelho, Coração do Mundo, na expressão espiritual e feliz de Humberto de Campos. A's 16 horas, volta à cidade e visita à Casa de Saude Allan Kardec.

A's 18,30 na Rádio Hertz, a pioneira, no programa «Caminho, Verdade e Vida,» sob a orientação da MEF. Programa bem organizado de quinze minutos diários e que tem repercussão ampla na cidade.

Assim, Clovis de Paula, Olavo Rodrigues, Euripedes, o Prof. Moisés Garcia Sobrinho, este — ilustre poliglóta e Prof. de Esperanto, sob a direção de Agnelo Morato, vão transmitindo dia a dia, as luzes do Espiritismo.

Isidoro dirigiu saudação aos confrades da terra. A' noite, 2.a e última conferência, no Salão nobre do Pestalozzi.

Início com parte artística pelo conjunto Paz e Alegria sob a batuta de Luiz Puglia.

Homenagem ao orador, lida por Omar Nardi, em nome do Grêmio Espírita de Franca. Direção da mesa a cargo do Dr. Novelino. Mais uma conferência que satisfez o auditório da terra de José Marquês Garcia. Prece final de Mario Nalini e após, as despedidas com os moços e confrades de cidades adjacentes. Na madrugada de 5, às 4 horas, saíamos rumo a Bauru, via Barrinha, onde chegávamos ás 14 horas. Na estação não divisavamos os conhecidos. De repente, punhamos em ação o velho faro espírita. Antenas ligadas e... pronto. Já estamos abraçando o Joaquim Marques Figueiredo, Abilio Augusto Martins, Hypólito Porto Neto e Antonio Simacha. O faro funcionou e deu certo. Alguém a nosso lado murmurou: «Esses espíritas são de amargar com a tal de intuição». Risos a valer e vamos para o lar do Figueiredo, ponto alto do Espiritismo na terra. Tarde livre para anotações, apontamentos e descanso, pois de Franca a Bauru, foram 10 horas de viagem.

A 1.a conferência atraiu além do que se esperava e o motivo — mais tarde — o Previdelo nos explicava. Vinte Centros estavam ali, qualidade e quantidade, atendendo ao convite da União Municipal Espírita, trabalho da USE.

Bravos. Um entusiásmo fora do co-

mum, todos à espera do Cte. Isidoro, ávidos de lhe ouvirem a palavra sóbria, porém, profunda, culta e inteligente. Parte artística a cargo de Nilce Martins, com um número musical e declamações pela Srta. Prof.a Olga Neme, essa encantadora e elegante «diseuse». Depois a fala do homem. No sabado, 6, pela manhã, visitas aos diversos setôres de Assistência Social dos irmãos de lá, inclusive a Imprensa. A' tarde, idem.

A' noite, apoteose dessa quinzena no Estado. O salão do Centro Espírita São Vicente de Paulo à cunha. Tendo enfermado, não pudémos assistir a essa noitada de luz.

As entidades espíritas de Bauru:

Sociedade Beneficente Cristã, Albergue Noturno, Liga do Tuberculoso Pobre e Lar dos Desamparados. Aí apenas, de nome, as casas de Assistência Social. O importante é visitar «in loco» o que se realiza «em Espírito e Verdade» para os pobres e necessitados. Verba municipal, Estadual e Federal, só no papel. Afinal, já se disse que, nesse trabalho, o Governo muito deve aos crentes da 3.a Revelação e, quem o afirma, são as «obras pias» que a doutrina tem espalhadas pelo País e ninguém as ignora. Ainda bem!

Nessa mesma noite, Isidoro voltava á Capital pelo Noturno Paulista e nós, lá ficávamos, adoentados — voltando todavia no domingo 7, em avião da VASP.

Assim terminou o programa do Diretor de «Estudos Psíquicos» em nosso estado. Dia 8 seguiu Isidoro para o Paraná, Sta. Catarina e Rio Grande do Sul para uma permanência de 30 dias. A 21 de Setembro, deverá embarcar no Rio de Janeiro pelo «Vera Cruz» e chegando a Lisboa — Portugal, a 1.° de Outubro.

Esse pois, o relato final desta crônica, certamente com falhas que serão relevadas pelos que nos lerem.

O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo, sauda o ilustre irmão, desejando-lhe votos de feliz retorno à terra de Camões, guardando sinceras e inesquecíveis recordações de sua estada entre nós.

Assim seja!

VICENTE S. NETO.

P. S. — Em Ribeirão Preto, Isidoro visitou ainda, o Ginásio Espírita Apóstolo, sob a direção do dignissimo Professor Dr. Mario de Araujo, tendo dirigido a palavra aos alunos de todas as classes, sendo aplaudido intensamente. Ainda visitou, ao lado do Dr. Mario, Dr. José Pereira Bastos e José Cunha, o futuro Sanatório Vicente de Paulo, obra magestosa da terra do café.

Errata

No artigo do nosso distinto colaborador, Dr. Carlos Imbassahy, publicado nesta Revista em Agosto último, saiu um erro de revisão.

Onde está escrito:

«Se cinco, dez, cem ou mil pessoas... nos declaram ter visto a mesma coisa, seria visível a negação».

Deve ler-se: seria risível a negação.

Solicitamos excusas ao nosso colaborador e aos prezados leitores pelo cochilo da revisão.

Primeira Semana Espírita da Cidade de São Paulo

De 22 a 29 de Janeiro de 1956

Á cargo do Conselho Metropolitano Espírita da «USE» — União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

RESOLUÇÕES DA COMISSÃO ORGANIZADORA

1. Regimento Interno

Aprovado em suas linhas gerais, dependendo de sua aprovação final, por parte do Conselho Deliberativo do C.M.E.

2. Constituição de Sub-Comissões

Ficaram constituidas as seguintes, compostas com os elementos abaixo:

a) — *Sub-Comissão de Propaganda e Publicidade*

Salvador Taranto, Osório Rodrigues da Silva, Décio Kiss, Bernardino Peres, Euripedes de Castro, Francisco Manzano.

b) — *Sub-Comissão de Planejamento*

Waldomiro da Silva Santos, Cesidia C. Vannucci, Demetrio Queija Gon-

çalves, João da Silva Tempestade, Paulo Toledo Machado.

c) — *Sub-Comissão Social e Finanças*

Olegário Ribeiro Candeias, José Paneta, Rubens de Souza, Salvador Venturella.

d) — *Sub-Comissão de Recepção e Alojamento*

Deverá ser composta oportunamente.

3. Trabalhos Preparatórios e Preliminares

Decidiu-se a realização de um festival no mês de Agosto, em local a ser escolhido, ainda, bem como de mais os seguintes, provavelmente no Teatro Colombo:

1.º Grande Festival, 25/10/1955.
2.º « « 17/11/1955.
3.º « « 10/12/1955.

4. Programação e Disciplinação dos Trabalhos da Semana Espírita

Foi aprovado o Programa anéxo, que, também, está sujeito à aprovação final por parte do Conselho Deliberativo do C. M. E., bem como da Diretoria Executiva da «USE». Deverão manifestar-se também a respeito as entidades que inicialmente foram patrocinadoras do movimento de unificação.

São Paulo, 5 de Julho de 1955.

Comissão Organizadora da 1.ª Semana Espírita da Cidade de São Paulo

Paulo Toledo Machado
Presidente.

Salvador Taranto
Secretário.

—

PROGRAMA

Domingo, dia 22 — 10,00 horas — Apresentação e palavras das Delegações. Local: «USE» — União das Soc. Esp. do E. S. Paulo. Rua Santo Amaro, 362.

15,00 horas — Mesa Redonda sôbre a «USE». Local: União das Soc. Esp. do E. S. Paulo. Rua Santo Amaro, 362.

18,00 horas — Lanche.

20,00 horas — Conferência. Fundamento e Sentido da Unificação. Orador, Carlos Jordão da Silva. Local: Teatro São Paulo.

Segunda-feira, dia 23 — 15,00 horas — Visitação — Casas de Crianças.

20,00 horas — Conferência. A Missão do Espiritismo. Orador: Herculano Pires (Irmão Saulo). Local: União Federativa Espírita Paulista. Rua da Liberdade, 1034.

Terça-feira, dia 24 — 15,00 horas — Visitação — Abrigos de Velhos.

20,00 horas — Conferência. Aperfeiçoamento das Sessões Práticas de Espiritismo. Orador: Dr. Wilson Ferreira de Mello. Local: Liga Espírita do Estado de São Paulo. Rua Brigadeiro Tobias, 238.

Quarta-feira, dia 25 — 15,00 horas — Visitação — Hospitais de Psicopatas.

20,00 horas — Conferência. «E Haverá um só Rebanho e um só Pastor». Orador: Pedro de Camargo (Vinicius). Local: Federação Espírita do Estado de S. Paulo. Avenida Irradiação, 158.

Quinta feira, dia 26 — 15,00 horas — Inauguração da Exposição de Assistência Local: «USE» — União das Soc. Esp. do E. S. Paulo. Rua Santo Amaro, 362.

20,00 horas — Conferência. Unificação e Planificação da Assistência Social. Orador: Nancy Pulmann. Local: Sinagoga Espírita Nova Jerusalém. Rua Casemiro de Abreu, 398.

Sexta-feira, dia 27 — 15,00 horas — Visitação — Educandários.

20,00 horas — Conferência. Unificação dos meios de divulgação doutrinária. Orador: Abrão Sarraf. Local: Bibliotéca Municipal.

Sábado, dia 28 — 15,00 horas — Confraternização das Mocidades. Local: União da Mocidade Espírita «L. A. P. P. A.» Rua João Pereira, 35 — Lapa.

20,00 horas — Conferência. O trabalho cristão dos moços em pról das crianças. Oradora: Luiza Peçanha Camargo Branco. Local: Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

Domingo, dia 29 — 9,00 horas — Despedidas. Hora Espiritual (Rádio Tupi) e Entre Dois Mundos (Rádio Difusora).

12,00 horas — Lanche (cada participante deverá levar o seu farnel) — Rádio Progresso — Brooklin.

20,00 horas — Conferência. Encerramento. A «USE» sua organização e funcionamento. Orador: Dr. Luiz Monteiro de Barros. Local: Estádio Municipal do Pacaembú.

OBSERVAÇÕES

a) — Os temas e oradores foram indicados pela Com. Org. da 1.ª Semana Espírita, devendo êstes ainda serem consultados a respeito.

b) — Os locais indicados, igualmente, estão sujeitos à aprovação ou concordância de parte das entidades ou poder público correspondente. O Teatro São Paulo já está reservado.

c) — Os temas escolhidos objetivam: a divulgação da doutrina, a difusão do ideal da Unificação, o esclarecimento do que é a USE, ação direcional do movimento unificador.

d) — Os presidentes das entidades federativas deverão presidir as reuniões em suas respectivas entidades.

e) — Deverão usar da palavra no inicio das reuniões, nas suas respectivas entidades, os presidentes das entidades federativas.

f) — Haverá parte artística de 30 minutos em todas as reuniões, devendo ser solicitada a cooperação dos grupos artísticos ou corais das entidades espíritas onde se verificarem as reuniões.

g) — As Conferências deverão ter a duração de 45 minutos.

h) — Serão reservados 10 minutos para o uso da palavra aos participantes préviamente convidados.

i) — Nos locais profanos ou não espíritas a direção dos trabalhos ficará à cargo do C. M. E.

IX Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

Já se acham em franco desenvolvimento os trabalhos preparatórios da IX Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-s em Uberaba no fim da chamada semana santa do ano próximo.

Informamos também que já integram o Conselho Diretor os seguintes confrades: Presidente, Emmanuel Martins Chaves; Secretário, Waldo Vieira, ambos de Uberaba; Tesoureiro, Paulo Campos, de Rio Verde; Membros, Alcebiades Bertran, representante do Departamento de Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo e Ismael Ramos das Neves, do Departamento Estadual de Mocidades Espíritas de Minas Gerais, e, que já foram enviados impressos às Mocidades solicitando a remessa de sugestões para as teses a serem apresentadas na IX Concentração, cujo prazo expira, segundo o Regulamento, a 30 de Setembro.

NECROLOGIA

José Romão da Silva

Ocorreu a 29 de Julho último, às 10 horas, em Pinheiral, Estado do Rio, onde fixara residência há um ano, vitimado por um mal súbito, aos 61 anos de idade, o desenlace carnal do confrade José Romão da Silva, médium e doutrinador espírita, que militou nos meios espíritas de Juiz de Fóra, Minas, e de Volta Redonda, antes de o fazer em Pinheiral.

Sabida a notícia, grande número de amigos e confrades locais e das localidades visinhas compareceu no seu lar, levando, aos seus, condolências e solidariedade, e acompanhando o entêrro do seu corpo, no dia seguinte, às 8 horas. A' saída do corpo orou o confrade Benedito Honorato, presidente do C. E. «Allan Kardec», de Pinheiral, que ainda, à beira da sepultura, discursou num necrológio emocionante despedindo-se do velho amigo da mocidade e atual companheiro de lidas espíritas. Também proferiu sentida oração doutrinária, de despedida, o Prof. Aleixo Victor Magaldi, presidente da Associação Espírita «Estudantes da Verdade», de Volta Redonda, Estado do Rio, e membro fundador do C. E. «Amor ao Próximo», de Juiz de Fóra, organizações a quem pertenceu e às quais José Romão da Silva prestou relevantes serviços.

Deixa viuva e vários filhos.

A' família tão duramente provada, nossa melhor solidariedade.

Ao espírito do confrade José Romão, paz e luz crescentes em Jesus.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Entre a Terra e o Céu
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 60,00
	Semestre —	,,	,,	30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	70,00
	Semestre —	,,	,,	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	75,00

NUMERO AVULSO CR. $5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**